

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

CAIO HENRIQUE SILVEIRA DA SILVA

**PASSEIOS PEDAGÓGICOS: UMA ANÁLISE DAS
POTENCIALIDADES EDUCATIVAS DAS VISITAS A MUSEUS
NA COMPREENSÃO DOS ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

SÃO CARLOS -SP
2019

CAIO HENRIQUE SILVEIRA DA SILVA

**PASSEIOS PEDAGÓGICOS: UMA ANÁLISE DAS
POTENCIALIDADES EDUCATIVAS DAS VISITAS A MUSEUS
NA COMPREENSÃO DOS ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal de São Carlos, para Exame de Qualificação, como parte para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Processos Educativos:
Linguagens, Currículo e Tecnologias
Orientadora: Profa. Dra. Márcia Regina Onofre

São Carlos-SP
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Educação e Ciências Humanas Programa de
Pós-Graduação Profissional em Educação

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Caio Henrique Silveira da Silva,
realizada em 20/09/2019.

Comissão
Julgadora:

Profa. Dra. Marcia Regina Onofre (UFSCar)

Profa. Dra. Maria Walburga dos Santos (UFSCar)

Profa. Dra. Salete Linhares Queiroz (USP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se
arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação.

Dedico este trabalho a todos que fazem da educação um espaço de luta, que transformam o espaço acadêmico em um lugar de militância por uma educação que liberte.

Meus olhos queimam, uma dor sem fim toma conta de mim. Queria estar presente, pois minhas lágrimas apagariam suas chamas. Tristeza pela perda irreparável. Um crime, onde nossa história morre! In memória Museu Nacional (02/09/2018)¹

¹ Em junho de 2018, o Museu Nacional do Rio de Janeiro completou 200 anos de idade. Em 2 de setembro, um incêndio terrível transformou tudo em pó. Vinte milhões de peças, itens de grande valor para a história, pesquisa e cultura, viraram chamas. <https://www.nationalgeographicbrasil.com/video/tv/o-incendio-no-museu-nacional>

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma colaboraram para a realização deste trabalho.

Meus filhos, Ícaro e Sophia, motivo maior de buscar estudar e criar uma educação melhor.

À Mara por acreditar nisto e me dar todo apoio possível.

À professora, orientadora e companheira de minha trajetória acadêmica Márcia Onofre.

Às minhas irmãs que mesmo muitas vezes distantes, estavam sempre presentes neste trabalho.

Meus agradecimentos às professoras Maria Walburga dos Santos e Salete Linhares Queiroz pelas excelentes contribuições na Banca de Qualificação.

Aos amigos que deram apoio, em especial ao Guilherme “Bola”, à equipe pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, que além de colaborar, acreditou nas minhas propostas educacionais e na minha competência para que me responsabilizasse pela elaboração e execução de tal projeto.

Aos alunos que vinham agradecer e relatar as experiências dos Passeios escolares.

À equipe responsável pelo Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara (MAPA) por colaborar com informações, dados e a deliciosa monitoria que tanto nos fascina.

Aos colegas professores e toda a equipe da EMEB Carmine Botta, em especial à Amélia Márcia, colega da disciplina de história, que muito colaborou para a realização da pesquisa.

À todos estes com imenso carinho.

Que é o pensamento utópico? ... Nem são sonhos de ópio, nem significam “ouvir estrelas” numa terra que não existe... O pensamento utópico a que nos referimos é sempre deste mundo: radical na concepção, amplo na visão; realista na execução, e apoiado nas realidades mais profundas da vida. (Rússio, 1976, p.68).

RESUMO

Este estudo defende a ideia de que em diferentes práticas sociais ocorrem processos educativos. Neste sentido, compreendemos os museus como ambientes que transcendem áreas de conhecimentos e épocas, descrevendo para o pedagógico, um ambiente transdisciplinar de valorosa vivência e gerador de saberes, conseqüentemente, uma excelente ferramenta para o auxílio do desenvolvimento cultural dos alunos. O objetivo da pesquisa foi a de analisar as potencialidades educativas das visitas à museus na compreensão dos alunos do ensino fundamental II. Para a realização da pesquisa, de natureza qualitativa, foi desenvolvido um estudo exploratório descritivo, devido a profundidade em um fenômeno educacional, com ênfase na sua singularidade, no caso, as visitas aos museus proporcionadas pelos Passeios Pedagógicos da Secretaria Municipal de Educação de São Carlos, SP. A coleta de dados foi permeada pela aplicação de questionários com questões abertas e fechadas a 124 alunos de 6º. ano do ensino fundamental. Os resultados da pesquisa apontam para as variedades de saberes e aprendizados múltiplos e significativos, tanto dos saberes dos conteúdos curriculares como extra curriculares e a ampliação do capital cultural, além da valorização e difusão da cultura museológica.

Palavras-chave: passeios pedagógicos; relação museu-escola; potencialidades educativas; aprendizagens significativas.

Abstract

This investigation considers the idea of educational processes as part of social environments. Through this point of view, we have the understanding of museums as places where knowledge and the sense of era are approached, transposing to the pedagogical area a rich multidisciplinary environment, resulting in its use as a tool for the enlargement of students cultural background. The objective for this research is to analyze educational potentialities which were observed during the visits to the museums, based on the understanding of middle school students. For this qualitative research, we considered the methodology of a case study, in order to understand and emphasize its singularities, which is, in this case, the pedagogical visits provided by SME, in São Carlos. The data were gathered through forms which were distributed to 124 6th grade students. The results show a variety of meaningful knowledge, either part of the curriculum or extracurricular, which enlarges their cultural capital and spread the museologic culture.

Keywords: students; middle-school; pedagogical visits; museum/school relationship; educational potentialities; meaningful knowledge.

LISTA DE SIGLAS

CDDC -	Centro de Divulgação Científica e Cultural
CEMAC -	Centro Municipal de Artes e Cultura
BNCC –	Base Nacional Curricular Comum
GEPPEC -	Grupo de Estudos e Pesquisas com Professores e Educadores em Contexto
EMEB –	Escola Municipal de Educação Básica
IBRAM –	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM –	Internacional Council of Museums
LE –	Lembrança Estimulada
MAPA -	Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara
MOMA –	Museu de Arte Moderna
SAAE -	Serviço Autônomo de Água e Esgoto
SBM –	Sistema Brasileiro de Museus
SESC -	Serviço Social do Comércio
SME –	Secretaria Municipal de Educação
SP –	São Paulo
PIBID -	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência
UFSCar –	Universidade Federal de São Carlos
UNICEP –	Centro Universitário Central Paulista
USP –	Universidade de São Paulo

LISTA DA QUADROS

Quadro 1. Quadro de visitas para os Passeios Pedagógicos	33
Quadro 2. Número de atendimentos das escolas do projeto Passeios Pedagógicos em 2017	34
Quadro 3. Número de atendimentos das escolas do projeto Passeios Pedagógicos em 2018	34

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.- Porcentagem de alunos que conheciam o MAP	44
Gráfico 2. Porcentagem de alunos que conheciam outros museus	44
Gráfico 3. Porcentagem de alunos que conheciam outros museus	45
Gráfico 4. Porcentagem de alunos com interesse em conhecer outros espaços após a visita ao MAPA	46
Gráfico 5. Porcentagem de alunos interessados em uma nova visita ao MAPA	47
Gráfico 6. Escala de notas atribuídas pelos alunos a visita	47
Gráfico 7. Porcentagem de alunos que acharam importante a experiência	48
Gráfico 8. Porcentagem de alunos que consideraram a visita importante na compreensão do conteúdo escolar	49
Gráfico 9. Porcentagem de alunos que aprenderam algo diferente além do conteúdo da disciplina	49

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS
RESUMO
LISTA DE QUADROS
LISTA DE GRÁFICOS
LISTA DE FIGURAS

INTRODUÇÃO	11
1 - A RELAÇÃO MUSEU-ESCOLA: um histórico desta parceria	18
1.1 - Breve histórico da constituição dos museus	18
1.2 - O Museu como instituição educativa	22
1.3 - Visitas escolares: a parceria museu-escola	26
2- O PROJETO PASSEIOS PEDAGÓGICOS: da proposição a efetivação da proposta	31
2.1- A origem do projeto	31
2.2- As atividades realizadas e a participação das escolas	33
2.3- As visitas ao MAPA	35
3- CAMINHOS DA PESQUISA	38
3.1- Estudo de caso	38
3.2- Os participantes da pesquisa	39
3.3- O Passeio analisado	40
3.4- A coleta de dados	40
4 - O OLHAR DOS ALUNOS SOBRE AS APRENDIZAGENS RESULTANTES DA VISITA AO MAPA	

4.1- A análise dos dados das questões fechadas	43
4.2- – A análise dos dados das questões abertas	50
4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS	62

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

As minhas vivências enquanto aluno da educação básica, e das aprendizagens significativas constituintes da construção de minha identidade me levaram, direta e indiretamente, à escolha da primeira Licenciatura em História. Durante minha graduação em História e depois, na segunda Licenciatura em Pedagogia, tive experiências de atividades formativas (visitas a espaços educativos como museus, fazendas históricas, locais de preservação ambiental, entre outros) que acrescentaram, além dos conhecimentos, saberes e experiências fundamentais em minha formação.

Essas vivências foram significativas, também em minha atuação profissional, como professor de História, na rede municipal de São Carlos, SP. A necessidade de compartilhar com os meus alunos a importância dessas experiências formativas me impulsionou a inserir nos planos de aula atividades de visitas a diversos espaços, potencialmente educativos e pouco explorados pela rede municipal em que atuo.

Assim como afirma Carvalho (2015), estas atividades além de atenderem e complementarem o currículo escolar, dentro dos conteúdos programáticos, possibilitam aos alunos experiências de acesso a bens científicos e culturais, além de valorização destes espaços constituídos.

(...) existe uma série de vantagens que essas atividades em espaços não formais podem trazer para o processo de ensino-aprendizagem, como ganhos em sociabilidade, ou seja, a capacidade de trabalho em equipe; ganhos afetivos e cognitivos; e o desenvolvimento de valores ligados à conservação ambiental. Entre os espaços de educação não formal destacam-se nessa pesquisa os museus, pois se apresentam com a proposta de divulgação científica, e ainda segundo Marandino, Selles e Ferreira (2009) como uma instituição que serve permanentemente à sociedade e a seu desenvolvimento, abertas ao público, que adquirem, conservam, pesquisam, comunicam e exibem, com propósitos de estudo, e educação. (Carvalho, 2015, p 151)

Depois de quatro anos de atuação em sala de aula, em 2017, fui convidado a fazer parte da equipe pedagógica da nova gestão da Secretaria Municipal de

Educação (SME), assumindo a função de coordenador de projetos educacionais. Uma das principais funções foi a de criar, coordenar e acompanhar um projeto de visitas aos espaços com potenciais educativos de São Carlos e região. Essas atividades foram denominadas “Passeios Pedagógicos” (ver anexo 1).

Os “Passeios Pedagógicos” foram concebidos como ações formativas de acesso e pertencimento à espaços históricos e culturais, criando uma cultura de visitação e valorização da memória da cidade e da região a alunos e professores do município. Estes locais, além de contribuírem para a formação cidadã e cultural, estão vinculados aos conteúdos didáticos, complementando e trazendo de uma forma diversificada saberes e experiências que ampliam os conhecimentos em sala de aula da matéria estudada.

Durante o ano de 2017, sob a minha coordenação, o projeto iniciou suas atividades e foi desenvolvido de acordo com as demandas e solicitações das escolas, o que acabou por não atingir todas as unidades e os alunos da forma prevista. Neste sentido, buscando atender a totalidade das escolas, em 2018, a SME mudou a proposta tornando as visitas obrigatórias e planejadas no calendário escolar, permitindo que não houvesse distinção entre escolas, séries, turmas promovendo as saídas dos alunos e garantindo espaços diferenciados daqueles já visitados. Os locais visitados foram selecionados de forma democrática com a participação dos professores. Foram listados os espaços que já eram frequentados e apresentada a lista aos professores, para que, indicassem quais locais mais apropriados para cada ano do ensino fundamental. Cada uma das 9 unidades escolares de ensino fundamental da rede municipal de São Carlos envio a tabela preenchida. Após isto foram feitas as análises e cruzamento de dados para averiguar e organizar a tabela dos locais de visitas, resultando na tabela contida no projeto “Passeios Pedagógicos”

Esta atividade, teve uma ligação intrínseca com as políticas públicas do município envolvidas com a rede internacional das Cidades Educadoras¹.

¹ São Carlos faz parte da rede Internacional de Cidades Educadoras desde 2005, fazendo valer os 20 princípios da **Carta das Cidades Educadoras** (anexo) que definem e dão diretrizes de uma cidade educadora. As Cidades Educadoras fazem parte de um projeto em rede que envolve municípios nacionais e internacionais engajados em desenvolver ações baseadas em três grandes princípios: o primeiro é o de transformar a cidade em um grande espaço educador; o segundo, o de

Todos os habitantes de uma cidade terão o direito de desfrutar, em condições de liberdade e igualdade, os meios e oportunidades de formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal que ela lhes oferece. O direito a uma cidade educadora é proposto como uma extensão do direito fundamental de todos os indivíduos à educação. A cidade educadora renova permanentemente o seu compromisso em formar nos aspectos, os mais diversos, os seus habitantes ao longo da vida (Carta das Cidades Educadoras 1990).

A intenção do projeto é que professores e alunos tenham o acesso e interação com locais constituídos e reconhecidos pelos valores históricos, científicos, culturais, sociais e educacionais, articulados com o currículo e proposta pedagógica, além das diretrizes e legislações vigentes.

O movimento da escola em direção aos lugares de memória pode ser visto como um sintoma das preocupações em torno da produção das identidades por meio do estímulo à valorização e preservação da memória social e coletiva. Podem ser também indícios da construção de novas práticas de cidadania por meio da promoção do acesso aos bens culturais e patrimoniais, associadas às preocupações específicas de professores interessados em tornar o conhecimento escolar mais significativo e prazeroso, dentre outras preocupações. (Dutra, 2012, p. 36)

É importante destacar ainda, que a criação do projeto intitulado “Passeios Pedagógicos”², validou as ações constituintes do Projeto Cidades Educadoras e se efetivou como uma proposta inédita no município sendo estabelecida na atual Gestão Municipal (2017-2020). A ação contou com o empenho de especialistas, educadores e pesquisadores da SME de São Carlos que se debruçaram na elaboração de um conjunto de atividades que promovessem aprendizagens significativas e intencionais para os professores e alunos fora do espaço escolar.

aprender na cidade, com a cidade e com as pessoas; e o terceiro o de valorizar o aprendizado vivencial.

² A denominação do projeto “Passeios Pedagógicos” surgiu da decisão e entendimento da equipe gestora da Secretaria Municipal de Educação de São Carlos. Encontramos na literatura da área termos como “aula passeio” utilizado por Freinet, também encontramos os termos “turismo pedagógico” e “turismo educativo”, não existindo um consenso.

A justificativa de estudar a importância e a relevância dessas ações, caminha no sentido do meu grau de envolvimento, como idealista, implementador e coordenador do projeto (2017-2018) e, principalmente, como professor de História e pedagogo que acredita que os passeios pedagógicos por sua dinâmica ativa, possibilitam aos envolvidos, conhecer e reconhecer lugares, espaços, monumentos, momentos, situações que levam à condição de pensar historicamente.

No entanto, cabe ressaltar que, embora denominamos “passeios”, essas ações são planejadas, discutidas e elaboradas com intencionalidade pedagógica. Com o projeto em andamento e as visitas organizadas antes do início do período letivo, os professores puderam se organizar e planejar tal atividade, buscando fazer a conexão entre os conteúdos trabalhados em sala de aula com os conteúdos trabalhados no espaço a ser visitado, vista como uma “aula passeio”³ (FREINET, 1976), uma proposta de aprendizagem diferencial que extrapola os muros da escola e vai além da “aula convencional”.

Temos que alargar o horizonte da escola; temos que integrar o seu processo no processo da natureza e da vida social, se quisermos equilibrar a educação e dar-lhe o máximo de eficácia que a justifique (FREINET, 1976, p. 209).

Neste sentido, visto como “aulas passeio”, os “passeios pedagógicos” se configuram como uma proposta importante ao trabalhar diversos conteúdos escolares de forma interdisciplinar, motivadora e reflexiva, possibilitando aos alunos a observação, o questionamento, a elaboração de hipóteses, deduções, conclusões; a ampliação do capital cultural e social; o fortalecimento das interações e relações entre o grupo de alunos e o diálogo com os professores.

Outro ponto que merece destaque, sobre a relevância desse estudo, refere-se a importância dessas ações no campo da formação continuada de professores.

³ Para Freinet, as aulas passeio motivam e despertam o interesse dos alunos ao incorporarem a vida da comunidade e o meio à escola, afastando-se do ensino meramente expositivo. As práticas pedagógicas na concepção do autor colocam a criança na posição central, pois o educador a visualiza como um ser atuante no processo de aprendizagem, um sujeito que age, pensa, constrói e reconstrói seu conhecimento.

Como historiador, integrante do GEPPEC (Grupo de Estudos e Pesquisas com Professores e Educadores em Contexto) e, como, licenciado do curso de Pedagogia, pude pesquisar e vivenciar as lacunas formativas dos Pedagogos no que tange aos estudos sobre o Ensino de História.

Infelizmente, a formação inicial de professores não supre a necessidade que essas áreas exigem. O docente tem a noção de que está desenvolvendo com os alunos, mas não tem o conhecimento aprofundado do campo. Também os professores de História, muitas vezes carecem de uma formação sólida e aprofundada em espaços não formais se debruçando na reduzida discussão do livro didático e de materiais elaborados sem um questionamento crítico e aprofundado da área.

Além disso, de acordo com Monteiro (2017)

(...) a cultura organizacional das escolas revela que os projetos políticos pedagógicos valorizam pouco as disciplinas História e Geografia, assegurando, principalmente, espaços coletivos de discussão voltados mais para as áreas de Matemática e Língua Portuguesa. Esse tipo de postura reforça, entre a comunidade escolar, que as outras disciplinas não são importantes. Em decorrência, os professores acabam minimizando suas contribuições e dotando práticas que provocam o esvaziamento do conteúdo. Os próprios alunos expõem ideia de que essas disciplinas são maçantes e exigem muito do estudante (p. 1395).

Acreditamos que tais lacunas devem ser consideradas como propositoras de programas e processos de formação continuada para os professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental. O que por si só justifica a pertinência e a relevância desse estudo para o campo da formação de professores e reforça a importância da valorização do ensino de História como fundamental para o real exercício da cidadania dos alunos.

Completando essas afirmações, é importante destacar que esse estudo tem como ponto de partida uma ação proposta por uma gestão municipal e que, enquanto política pública foi desenvolvida durante o período de dois anos (2017-2018). Após o período de dois anos de projeto, o projeto não teve continuidade da forma como foi proposto., desestruturando-se, o motivo alegado foi a falta de verba

para tal ação para custear os transportes. Esse dado é importante de destaque, pois, anterior a essa gestão não temos registros de atividades realizadas com essa perspectiva ou natureza no município estudado. Neste sentido, essa posição nos coloca o desafio de buscar analisar e compreender qual a importância e efeito dessa ação. Também nos faz refletir sobre a seguinte questão para essa pesquisa: Os processos formativos que ocorrem fora da sala de aula e que foram elaborados por uma política pública resultam em uma aprendizagem significativa e intencional para professores e alunos?

Há que se destacar que vários estudos defendem a premissa de que em diferentes práticas sociais ocorrem processos educativos (OLIVEIRA E SOUSA, 2014).

Os conhecimentos são construídos em práticas sociais, das quais participamos, quando se integram às críticas que deles fazemos, orientam nossas ações, formando-nos. Esta formação decorre de umas práxis que vamos construindo em colaboração com aqueles com quem vivemos. As práticas sociais se produzem no intercâmbio que as pessoas estabelecem entre si ao significar o mundo que as cerca e ao intervir nele. (...) é participando de práticas sociais que as pessoas se abrem para o mundo (p. 30).

Partindo da defesa de que nas práticas sociais promove-se a formação para a vida na sociedade por meio de processos educativos que estas desencadeiam, e acreditando nos Passeios Pedagógicos como processos formativos, o nosso recorte neste estudo será o de analisar as práticas pedagógicas das visitas aos museus.

Compreendemos os museus como ambientes que transcendem áreas de conhecimentos e épocas, descrevendo para o pedagógico, um ambiente transdisciplinar de valorosa vivência e gerador de saberes, conseqüentemente, uma excelente ferramenta para o auxílio do desenvolvimento cultural dos alunos. Neste processo, o professor é o principal mediador de conhecimentos e saberes históricos, sociais e culturais. Neste sentido, desenvolver um programa de ação educativa em museus não é tarefa fácil, mas fundamental para o resgate da memória (BOSI, 1994; NORA, 1993) e dos inúmeros desafios da história de um mundo que não é, mas que *está sendo* (FREIRE, 1996).

Com vistas a valorização e a defesa do museu como espaço educativo e, partindo dos questionamentos em relação as lacunas formativas dos docentes e da minha inquietação como professor de História, compreendendo a desvalorização dessa área de conhecimento nas políticas curriculares, busquei o Mestrado Profissional com o intuito de refletir, investigar e reforçar o papel fundamental desse campo de ação e área de conhecimento tanto para o desenvolvimento profissional dos professores do ensino fundamental II quanto para o enriquecimento e o fortalecimento da cidadania e da historicidade dos alunos da educação básica.

Neste sentido, esse estudo objetiva, analisar as potencialidades educativas das visitas à museus na compreensão dos alunos do ensino fundamental II.

Buscando atingir o objetivo da pesquisa, foram elaboradas algumas questões:

- como se dá a relação museu-escola através do projeto Passeios Pedagógicos?
- como este projeto contribui para a formação dos alunos participantes com a compreensão de temas trabalhados em sala de aula?
- como um projeto proveniente de uma política pública atende as perspectivas teóricas em defesa desses espaços formativos?
- como essas atividades agregam aos alunos valores culturais, auxilia na sociabilidade, valorização e conservação de espaços museológicos?
- como os espaços visitados e professores podem utilizar deste recurso da melhor forma, potencializando o aprendizado dos alunos?

Para a realização da pesquisa, de natureza qualitativa, foi desenvolvido um estudo exploratório descritivo, devido a profundidade em um fenômeno educacional, com ênfase na sua singularidade, no caso, as visitas aos museus proporcionadas pelos Passeios Pedagógicos da SME de São Carlos, SP.

A coleta de dados foi permeada pela aplicação de 124 questionários com questões abertas e fechadas.

Acredito que pesquisas com essa natureza colaboram para o cumprimento de ações tanto no campo político (repensar a matriz curricular dos cursos de formação inicial no que tange as lacunas formativas na área do ensino de História; fortalecer

políticas efetivas de formação continuada nesse campo de conhecimento com vistas a um melhor preparo e experiências para os professores atuantes no incentivo dos conhecimentos históricos e culturais; colocar em foco a importância da valorização de disciplinas e conhecimentos relativos a História e os seus componentes) quanto no campo pedagógico (reforçar a relação museu-escola; potencializar as visitas à espaços, não escolares, fundamentais nos processos formativos de alunos e professores; analisar as mudanças de postura e mentalidade dos visitantes).

1. A RELAÇÃO MUSEU-ESCOLA: UM HISTÓRICO DESTA PARCERIA

Nesta seção serão abordadas as temáticas referentes ao museu e sua relação com a escola. Iniciaremos a discussão com um breve histórico sobre a constituição dos museus. Em seguida, abordaremos a importância dos museus como espaço educativo e as visitas escolares.

1.1 Breve histórico da constituição dos museus

Durante toda a história da humanidade, os seres humanos desenvolveram técnicas para registrar sua história (como as pinturas rupestres espalhadas em diversos lugares do mundo) e confeccionar objetos, muitos que acumulavam e que tinham valor, seja valor social ou valor sentimental.

De acordo com Bemvenuti (2004), historicamente, guardamos e veneramos objetos que têm a mesma função, mas que apresentam variações e formas diferentes de acordo com o seu significado, que após sua conservação e coleta passa a adquirir um valor cultural. Essa forma de registro e organização visa preservar os objetos e ressignificá-los para além do tempo vivido de seu colecionador, eternizando em documentos tempos passados.

A formalização de práticas de preservação e difusão da memória institucional é cada vez mais comum nas sociedades contemporâneas. Essas ações vêm atender a um movimento que historiadores como Jacques Le Goff descrevem como uma tecnificação, uma profissionalização dos processos de guarda e difusão dos elementos simbólicos que unificam grupos sociais. A memória coletiva transmitida pela tradição oral típica das comunidades primitivas cede lugar à memória oficial, registrada e documentada, produzida por especialistas detentores das técnicas e da autoridade de articular os enunciados sobre o passado (PACHECO, 2010. p. 144).

A formalização dessas práticas passa a se materializar através da construção de “lugares de memória” como os monumentos, os museus e memoriais. Os objetos que eles guardam são alegorias do passado que se deseja lembrar.

Segundo a Suano (1986), a palavra museu originou-se na Grécia Antiga, com a ideia de templo, de instituição de pesquisa voltado para o saber filosófico. O

espaço, denominado “mousseion” era destinado à contemplação das ciências e das artes.

De acordo com Guarnieri (1998)⁴ a configuração dos museus passa, historicamente, por cinco etapas:

A princípio as coleções eram familiares e fechadas ao público, não havia a intenção de divulgação ampla e acesso a estes itens. Os primórdios dos museus para a autora é o conhecido “museu de Alexandria, erguido por Ptolomeu Soter, 305 a 283 a.c. e destruído no século III. Para a autora, esse não lembraria o primeiro museu, mas sim um modelo representativo desse período (GUARNIERI 1988, p. 8). Nesta configuração, a instituição se assemelhava muito mais a um local de desenvolvimento de estudos, do que um local de visitas como são os museus hoje, além de serem acessíveis apenas para nobreza do período.

O segundo período que Guarnieri (1988) aponta tem início com a Renascença, quando estas coleções, principalmente dos príncipes, passam a ter um valor cultural e social. As coleções passam a se diferenciar, tendo aquelas relacionadas a *Artes*, e outras ligadas à *Ciência*. As coleções então passam a ser estudadas, surgindo a História da Arte como disciplina, a importância da restauração para manutenção do acervo e até mesmo cópias para segurança e divulgação das obras. Na área das ciências, os chamados *gabinetes* eram locais de curiosidades científicas da época. Neste período das coleções principescas, as coleções contavam com mapas, joias, tesouros, moedas, armas, entre outras coisas de valor econômico e raros. Além disto, os reis passaram a financiar grandes artistas da época (Leonardo da Vinci, Rafael, Michelangelo, entre outros), ampliando suas coleções que eram objeto de disputa entre os nobres e ligada ao poder econômico e importância social da família na sociedade, um verdadeiro indicador de status. Porém esse agrupamento ainda não era realizado de forma sistematizada ou temática, era um mero agrupamento sem classificação.

A terceira fase da configuração dos museus vem com o fortalecimento do Estado e desenvolvimento da ciência. Assim as coleções antes pessoais, passam a pertencer ao Estado, deixando de ser museus particulares dos príncipes e famílias

⁴ Waldisa Rússio Guarnieri (1935-1990) - foi uma museóloga e professora, sendo considerada uma das primeiras a desenvolver pesquisas sobre teoria museológica, se tornando em uma referência na área, principalmente na América Latina.

nobres, sendo então museu da nação, tornando-os locais para visitação, porém com um público ainda limitado, sendo apenas para convidados ou mediante pagamento de taxa. A abertura dos museus com acesso à população ocorre apenas no século XIX.

A terceira instância marca a passagem dos museus do Iluminismo para o Romantismo, cujos modelos podem ser tomados no Louvre, no Museu do Prado e Museu Britânico. Neste momento os museus caracterizam-se pelas suas organizações pouco complexas (GUARNIERI 1989, p 9)

A abertura dos museus ao público ainda se diferencia de tornar o museu um lugar público. A seleção do público, a forma de exposição e os horários eram seletivos. Ao abrir o museu ao público, surge a preocupação com o processo educativo em museus. Na Europa, segundo a autora, o primeiro museu criado com a proposta de ser público foi o Museu Britânico, criado em 1759. Diferente do processo de consolidação dos museus europeus, os museus americanos já nascem como instituições públicas com forte vínculo com a população. Parte do acervo de doações da comunidade, com elementos regionais, parcerias com universidades e prefeituras. Muitos museus americanos vivem do vínculo público-privado, dependendo de fundos de doações e dos governos locais.

Os museus mantêm uma tradição de origem do patronato, dos mecenas que impulsionavam a criação das instituições a partir de suas coleções. Desde as coleções das famílias principescas, símbolo do poderio político, até a dos mecenas, de origem empresarial, percebe-se que essa ação sustenta ainda hoje a fundação e a manutenção de muitos museus, como veremos no papel do patronato privado na instalação de museus de arte moderna, como o MoMA, Whitney e na dos próprios museus brasileiros, a citar entre outros: o MASP, São Paulo, e os MAMs do Rio de Janeiro e de São Paulo, que tiveram o início de suas atividades marcadas pela doação das coleções e Assis Chateaubriand, Ciccillo Matarazzo, além de outros colecionadores (BEMVENUTI, 2004, p 20)

A quarta etapa dos museus vem com o advento da Revolução Industrial. A produção industrial tornou diversos produtos mais acessíveis à população, além de ter início o processo de produção em série, massificação dos produtos, tirando-lhes

o caráter único como era antigamente. Neste contexto, o acesso ao museu por uma parcela cada vez maior da população traz à tona a discussão do papel educativo e a necessidade de um educador nos museus, para mediar a exposição aos visitantes. O museu se reinventa neste período, desde sua edificação, antes mais se assemelhando a luxuosos palácios, para uma estrutura mais simples, onde o visitante se sinta acolhido.

No segundo pós-guerra, os museus europeus e americanos investem nos serviços educativos, a fim de conciliar as necessidades sociais com o potencial das instituições, o que acelera as transformações do uso dos museus, os quais passam a desenvolver atividades com crianças e grupos de adultos da periferia até a zona rural (BEMVENUTI, 2004, p 20).

É nesse contexto que temos hoje a configuração de museus, que entendem seu papel educativo e buscam aproximar os objetos do público. Se antes o acesso ao museu se restringia a poucos, os processos capitalistas e o acelerado processo de produção e veiculação de notícias adentram a instituição.

Hoje, a participação dos visitantes já ocupa um espaço considerável dentro do museu, mas enfrenta-se, com isso problemas relacionados a banalização do conhecimento produzido através das relações possíveis com o objeto, e a manipulação do público, com a sociedade do espetáculo, a globalização e a presença de campanhas publicitárias junto as exposições, a fim de torna-las grandes eventos de públicos e, conseqüentemente, rentáveis. (BEMVENUTI, 2004, p 25).

Na análise de Guarnieri (1989), esse é o modelo que vigora até o momento. No entanto, embora observarmos um avanço histórico e mais popular na constituição dos museus, Pacheco (2010), aponta que, infelizmente, esses espaços são em grande medida pensados como locais de visitação passiva, de exposição e não de produção do conhecimento e de interação ativa, por parte da comunidade de pesquisadores, o que nos permite indagar qual o real significado e intencionalidade desses espaços para a sociedade e para a história da humanidade.

Cabe também a nossa defesa em relação a esses espaços como potencializadores de saberes e conhecimentos fundamentais para se compreender o passado, refletir sobre o presente e transformar o futuro.

1.2 O museu como instituição educativa

Desde o primórdio das instituições museológicas, a ideia de ser um espaço educativo e de produção de conhecimento esteve presente. Na antiguidade como um espaço destinado aos filósofos, grandes artistas ou cientistas, já marcava a característica educativa deste espaço.

Os acervos passaram de objetos para contemplação para objetos com valores em si, cheios de significado e de informações intrínsecas que podem ser adquiridas através de uma análise e estudo do objeto. Passam a ser uma fonte histórica de conhecimento.

Os objetos que devem servir à instrução, cujo grande número pertence aos estabelecimentos supremos(...). Em toda a parte, enfim, onde as lições de passado fortemente impressas, podem ser recolhidas por nosso século, que saberá transmiti-las com as páginas novas, a lembrança da prosperidade. Jamais um tão grande espetáculo será oferecido às nações. Todos esses objetos preciosos que estiveram longe do povo, ou que foram mostrados apenas para os tocar pelo espanto ou respeito, toda essa riqueza lhe pertence. De agora em diante servirão à instituição pública. Formarão os legisladores, filósofos, os magistrados esclarecidos, os agricultores instruídos.... Quem não quer que esta bela empresa interesse de uma só vez a todo povo e a todas idades. (CUISENIEK apud BEMVENUTI 2004, p 29).

Nesse contexto do século XIX surgem, inicialmente na França, os roteiros para recepção dos visitantes e a preocupação de profissionais específicos para a atuação nos museus, é deste processo que passam a surgir as profissionais para organização e manutenção de acervo, educadores e demais outros cargos que a instituição passa a demandar.

Com o estado moderno, os museus passam a ser um forte aliado no que diz respeito de ser uma instituição com potencial educativo para as questões de nacionalidade. Os estados modernos vão se valer deste potencial e utilizar os

museus em seu processo de criação de identidade nacional, pertencimento e valorização do estado.

Os museus passaram a se estruturar na sociedade e criar suas características próprias, fazendo também seu movimento de reivindicações. Um dos resultados desse movimento foi a criação em 1947 do *ICOM (Internacional Council of Museums)* que passa a auxiliar na organização e dar diretrizes aos museus, elaborando parâmetros e criando um estatuto, no qual traz uma de suas partes a seguinte definição para museus:

O museu é uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, aberto ao público, voltado à pesquisa dos testemunhos materiais do homem e de seu entorno, que os adquire, conserva, comunica e, notadamente expõe visando estudos, educação e lazer.

Assim, o museu tem seu caráter educativo e deve atender a toda sociedade, portando agora deve se preocupar com a formação desse público e de que forma melhor atender aos objetivos de um público tão diferenciado.

Assumindo então o caráter educativo e aprofundando a discussão a respeito dos profissionais que realizariam esta educação nos museus, surge aqui a questão como se dá o processo de educação em museus, uma vez que este é um espaço educativo, porém se diferencia dos demais espaços, como as escolas, a forma de aprender e interagir com o conhecimento ali proposto é diferente do modo sistematizado escolar.

A figura de uma pessoa responsável pelo processo educativo em museus, fazendo a interação entre objetos e público surge em 1852 no *Victoria and Albert Museum* com a presença do arte-educador na instituição (BEMVENUTI 2004, p 20). Porém o aprofundamento e profissionalização dos agentes museológicos só se intensificam na década de 1960, com o processo de democratização do acesso, surgindo assim a figura do museólogo e dos agentes culturais.

O crescente interesse pelo potencial educativo intrínseco aos museus e patrimônios pode ser acompanhado através do incremento de ações educativas nas instituições museológicas. Atividades, iniciativas, programas e projetos de cunho educativo ocupam cada vez mais espaço nas programações e agendas dos

museus, de maneira frequente e regular, e passam a constituir uma espécie de serviço ofertado ao público. É possível observar nas últimas décadas, o crescimento na implantação de áreas educativas em museus, no âmbito mundial, as quais contam com profissionais especializados e desenvolvem atividades contínuas e regulares. (FIGURELLI, 2011, P113)

É somente com o processo de abertura do acervo para a população que se pensa no museu como uma instituição educativa, mesmo que caracterizada como uma educação não formal. Neste contexto do museu como um espaço público, e um acervo criado para exposição, surge a necessidade de se pensar nos processos educativos neste espaço dentro deste contexto.

O museu é um ambiente educativo peculiar. Ele tem um acervo de registros selecionados da vivência sócio histórica. Ele tem, afinal, materialidade e oportunidades de simbolização não encontradas na escola. E é a partir de uma educação para olhar através dessa materialidade (dispersa, contraditória, lacunar e plural) que se realiza seu papel educador, sua peculiaridade e sua potencialidade (SIMAM, et ali, 2007, p. 37).

Pensando nisto, foram elaboradas propostas e uma forma de educar peculiar dos museus, uma pedagogia museológica. Para sistematizar o processo de aprendizagem nos museus temos duas fortes propostas, uma delas é denominada **Metodologia da Educação Patrimonial** e a segunda proposta é denominada **Metodologia Triangular**.

A primeira proposta foi elaborada por Maria de Lourdes Horta na obra *“Guia Básico de Educação Patrimonial”* publicada em 1999. Nesta proposta a educação se dá através do estudo do objeto museológico, e passa por quatro etapas:

observação direta do objeto, o registro das informações oferecidas pelo objeto, exploração em outras fontes sobre informações complementares sobre o objeto e, finalmente, a significação do objeto por parte do sujeito da ação educativa (PACHECO 2012, p 67).

A segunda proposta foi apresentada por Ana Mae Barbosa, na obra *“Arte-educação pós-colonialista no Brasil: aprendizagem triangular”* publicada em 1995.

Nesta proposta a sensibilidade e o desfrute dos objetos são o foco, trazendo a contextualização do objeto, seu período de construção, a sociedade e o autor. Nesta abordagem a aprendizagem ocorre passando por três momentos, primeiramente com uma leitura e interpretação livre do público, em seguida é realizado um estudo do contexto da obra, e para finalizar o público produz uma obra sendo releitura do que foi estudado.

Nas duas propostas de ensino, o objeto museológico é o suporte para o processo ensino-aprendizagem, reforçando a importância do museu e suas exposições. Com isso, as visitas não são algo fora do contexto escolar. Muito pelo contrário, as visitas escolares auxiliam na aprendizagem de conteúdos e conceitos escolares de uma forma diferenciada, complementando o conteúdo trabalhado em sala de aula. Fazendo um elo entre aquilo que é estudado e a realidade.

Ao contrário o museu pode e deve ser colocado no interior da sala de aula e utilizado como recurso didático para o ensino de história. Os museus sempre foram pensados como espaço de aprendizagem, uma aprendizagem mediada pelo objeto, uma aprendizagem amparada na concretude do objeto cultural, das relações sociais existentes no tempo e no espaço. Suas exposições estão aguardando quem esteja disposto a interpretá-las (PACHECO, 2012, P 79).

A educação desenvolvida nos museus não deve ser pensada apenas na aprendizagem de conteúdos científicos, artísticos ou históricos. A visita a um museu ensina muito mais, pois em uma visita aprende-se sobre os próprios museus, suas configurações, organização, acervo e constituição. Desenvolvem-se habilidades sociais, leitura e interpretação de imagens e objetos, exercício do raciocínio e trabalha-se a interdisciplinaridade para entender o que é observado:

Defendemos que uma ação educativa que envolva escola e museu deve focar não apenas as informações históricas específicas. Ela deve prever o uso de conceitos históricos e a aplicação de procedimentos de pesquisa. Deve ainda promover a sensibilização dos estudantes sobre o papel dos museus como lugares de memória na sociedade contemporânea. Estas atividades de ensino devem mobilizar os estudantes para as necessidades de aprendizagem disciplinar, mas também para as possibilidades de fruição presentes no interior de qualquer museu e assim possibilitar o enriquecimento cultural dos estudantes. (PACHECO, 2012, P 80)

Percebendo essa importância do museu como uma instituição educativa, os sistemas e redes de ensino passam a formar parcerias para utilizar destes espaços e seu potencial educativo.

Pautado nos princípios da educação não-formal, que entende a educação enquanto processo e privilegia o desenvolvimento do ser humano ao longo da vida, o museu encontra na ação educativa a estratégia para implementar seu caráter social e educativo. A ação educativa, por sua vez, encontra respaldo no patrimônio cultural preservado, que tem entre outros intuitos, o de auxiliar na reflexão do sentido da vida e nutrir a criatividade em toda sua diversidade. Tendo como referencial básico o patrimônio - seja ele natural, histórico, biológico, cultural, material ou imaterial - o museu é capaz de instrumentalizar o indivíduo, qualificando a relação que este estabelece com a sua realidade mediante iniciativas que potencializem essa interação. (FIGURELLI, 2011, P 120)

Existindo a parceria entre escolas e museus, é preciso entender e organizar a atividade e visitas, buscando explorar da melhor forma o potencial educativo de tal atividade.

1.3 Visitas escolares: a parceria museu-escola

As atividades de visita a museus reforçam o potencial educativo dos museus e reforçam o laço museu-escola como instituições preocupadas com a formação integral de seus educandos. Mas para que esta educação tenha êxito, é preciso um planejamento prévio, a atividade tem início bem antes da ida dos alunos ao museu. A atividade de visita, por si só, não desenvolve todo o potencial educativo que existe em tal atividade, não é algo inato, estruturar tal atividade pode desenvolver toda essa capacidade educativa.

Para utilizarmos o museu em sala de aula é preciso ter em mente que a visita se inicia muito antes do professor e seus alunos chegarem ao museu. E se estende para além deste momento. Acreditamos que a qualidade da atividade e seu significado pedagógico dependem da qualidade do cuidado do professor no momento do planejamento da atividade. É esta previsão das ações que direciona a atenção dos alunos para as atividades didáticas e potencializa o impacto da experiência vivida para o aluno. (PACHECO, 2012, p 68)

Espera-se que o professor já tenha realizado uma visita prévia e conheça o acervo e as temáticas expostas e trabalhadas no museu, assim aproveitando da melhor forma a atividade e potencializando o processo educativo, atendendo assim a sua demanda de interesse e dos alunos, atingindo os objetivos educacionais propostos. **Este ponto é um fator que pode ser limitador da atividade.**

Os programas educacionais e de atividades dos museus devem preparar-se, em cada país, levando em conta as necessidades do seu material humano. A integração do trabalho educacional dos museus com o programa dos institutos pode dar prestígio, elevar o nível e melhorar os métodos de ensino. Os mestres de todos os graus de ensino devem ter conhecimento adequado dos recursos e utilidades dos museus. Assim, instamos que todos os programas de preparação para o magistério incluam oportunidades de treinamento no uso dos museus de sua técnica (TRIGUEIRO, 1958, p 16).

O professor deve se atentar a cada detalhe na realização desta atividade, como a capacidade de visitantes do espaço, se haverá a necessidade dos alunos se alimentarem, então verificando se há espaço adequado para esta ação.

Os alunos acabam ficando empolgados com ações como estas de saída da escola, o professor deve se organizar e preparar os alunos para esta atividade a fim de atingir os objetivos propostos, lembrando qual o foco da atividade e minimizar problemas causados por esta euforia gerada pela atividade.

Falando na escola, essa se preocupa com a formação integral dos educandos. Para atingir este objetivo - no que se refere particularmente à aprendizagem patrimonial -, a escola precisa associar-se ao museu porque ela não pode fazer aquilo que é incumbência de outra instituição, por uma questão de competência. Assim sendo, escola e museu são instituições parceiras, pois, o museu quer participar do processo integral, como consiste à educação, e porque a ele não compete as finalidades cabíveis à escola de formação continuada e ordenada, em período significativo do desenvolvimento de crianças e jovens, o que a coloca em posição privilegiada na sociedade. O grande desafio da relação museu e escola é que as duas instituições juntas em ação recíproca compreendam e saibam explorar a grande potencialidade do patrimônio. O museu domina o estatuto do objeto e a escola tem o domínio do processual cumulativo e tudo o que o envolve durante

anos da vida de indivíduos em fase plástica para a formação atitudinal (CURY, 2013, p12).

Os alunos devem ir para a atividade sabendo claramente o objetivo da visita, e quais os conteúdos serão abordados. Muitos dos museus têm material de divulgação em sites e isto pode ajudar no preparo e organização da visita, com um conhecimento prévio do acervo e temática da exposição. Outra questão que deve ser trabalhada antes da visita é a forma de registro da atividade. O mais comum é um relatório, porém os relatórios muitas vezes ficam vagos, sem que os alunos relatem os pontos principais e a relação com os conteúdos curriculares, para evitar isso é preciso um preparo dos alunos. Uma outra saída são as chamadas fichas de observação, que são previamente elaboradas pelo professor contendo um pré-roteiro e o foco que os alunos devem ter na visita. Ou simplesmente o registro pode ser feito com uso de câmeras com fotos (observar as regras referentes ao uso de flash) e vídeos da exposição e das explicações dos monitores.

Independente da forma de registro que foi selecionada, o importante, desde antes da visita é ter em mente um produto final desta atividade a ser produzido pelos alunos.

As atividades e conteúdos trabalhados em museus passam a ser cada vez mais valorizado pelas escolas. Seu potencial educativo, sua singularidade e temática vêm fazendo com que órgãos responsáveis pela educação desenvolvam projetos voltados para esta atividade.

No que diz respeito ao estado de São Paulo, foi criado um programa de atividades denominado “**Cultura é Currículo**” (anexo 2), na qual a proposta é a formação cultural dos alunos através de diversas atividades.

Além deste projeto, o estado de São Paulo, desenvolveu outras atividades no intuito de fortalecer a relação museu-escola, baseado no potencial educativo e importância desta instituição na formação do cidadão. Esse é o caso de programa “**Conexões Culturais: museu, comunidade e escola**”, que realizou nos meses de setembro a dezembro de 2017 visitas com alunos da rede estadual paulista a alguns museus. Nesta atividade foram atendidas 20 escolas da rede estadual que fazem

parte do Sistema de Ensino Integral. No total, foram realizadas 79 visitas, atendendo 2.811 alunos.

O projeto Conexões Culturais constituiu-se em um programa de visitas a quatro museus da cidade de São Paulo – Museu Afro Brasil, Museu da Imigração, Memorial da Resistência e Pinacoteca do Estado de São Paulo – que buscou promover a ampliação do repertório sociocultural de alunos de Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, de professores e da comunidade de familiares de alunos de vinte escolas integrantes do Programa de Ensino Integral da Secretariada Educação do Estado de São Paulo. O Projeto totalizou um público de 2.811 pessoas distribuídas em 157 visitas, proporcionadas por 79 saídas culturais para as instituições envolvidas. Além de atender diretamente esse público com as visitas mediadas aos acervos dos museus participantes, o Projeto desenvolveu este caderno educativo digital⁵ e promoveu um debate no encerramento das atividades, sediado por um dos museus participantes (PARCEIROS DA EDUCAÇÃO, 2018 p 5).

Diversas foram as ações que buscaram fortalecer a relação museu-escola, sabendo das dificuldades de algumas escolas e municípios (financeiras, de transportes ou de acesso), a Fundação José de Paiva Neto, com parceria do Ministério da Cultura, Ministério da Educação, Governo Federal, SBM (Sistema Brasileiro de Museus) e IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) produziram um projeto intitulado **Conhecendo Museus**,

A obra audiovisual **Conhecendo Museus**⁶ apresenta, com detalhes, os principais museus do Brasil. O objetivo é divulgar bens e valores culturais da humanidade democratizando o conhecimento gerado por essas instituições, além de divertir e fomentar o surgimento de novos públicos. O projeto tanto promove o resgate da memória brasileira – inscrita nos objetos, obras de arte e documentos –, consolidando-a num conjunto de informações acessíveis, como colabora na formação e no apuro da consciência crítica dos telespectadores, em particular os mais jovens. Cabe lembrar que o processo de elaboração do futuro passa pelo olhar atinado sobre o passado e o presente, para o que os museus contribuem de forma saliente. A série mantém estreita afinidade com a grade de programação da TV BRASIL e TV ESCOLA com a preocupação das emissoras em transmitirem conteúdos de qualidade. O conjunto de

⁵ <https://drive.google.com/file/d/1Xjvnlh-EmdyDAIFx1Vx2oCCdvt3RuvZ7/view>

⁶ <https://api.tvescola.org.br/tve/videoteca/serie/conhecendo-museus>

programas tem motivação paradidática. Os museus de vocação variada, espalhados por todo o País, são retratados na sua integridade, com a exposição detalhada dos acervos; com a revelação da história e histórias por trás das peças; com o esclarecimento dos critérios técnicos de escolha delas, etc. Com episódios de vinte e seis minutos de duração, divididos em dois blocos, o programa investe em linguagem ágil, moderna, visualmente atraente. Sem contar com as figuras tradicionais do apresentador e do repórter, a narrativa se apoia em voz *off*, com texto na primeira pessoa. Essa opção estética permite a personalização do narrador, da fotografia e da edição, afastando a obra das fórmulas marcadamente codificadas do jornalismo ou dos vídeos de inspiração institucional. Mesmo que dirigido a audiências mais jovens, o **Conhecendo Museus**, pelo formato e pela narrativa, poderá ser assistido, sem sobressaltos, por telespectadores de outras faixas etárias. O esforço de sensibilizar um segmento do público não implica preterir todos outros. A uni-los, a extrema familiaridade com que identificam códigos formadores da linguagem televisiva. Os programas serão ineditamente exibidos para o grande público pela TV Brasil/EBC e TV Escola/MEC. (Coleção conhecendo Museus TV Brasil)

Como visto, a relação museu-escola vem crescendo e se fortalecendo, fazendo surgir deste encontro de interesses projetos com proporções como este da rede estadual paulista. A educação não formal nestes espaços se torna alvo de políticas públicas.

As instituições educativas percebem a importância dos museus e seus conteúdos na formação dos alunos e buscam solucionar ainda o problema da falta de acesso e possibilitar a visita a estas instituições. NA cidade de Santo André/SP, a Secretaria Municipal de Educação conta com a Sabina- Escola Parque do Conhecimento⁷, um equipamento da educação, onde se agregam diversas temáticas, contando com um planetário, aquários, terrários, simuladores, experimentos científicos e exposições. Tal equipamento ainda conta com uma frota de ônibus para atender as unidades escolares da rede municipal da cidade, garantindo de forma sistematizada o acesso à bens culturais, científicos, artísticos e tecnológicos.

⁷ <https://www2.santoandre.sp.gov.br/hotsites/sabina/>

Apesar de perceber os aspectos positivos de tais atividades e surgirem projetos para atender essa necessidade e demanda da formação dos alunos, o volume de atividades é baixo, perto do potencial que os museus têm em receber visitantes. Além disto, apesar de positivas as atividades, muitas saem como projetos esporádicos, deixando de existir em pouco tempo, pois a verba para esta atividade principalmente com o transporte acaba sendo um empecilho, considerando um gasto, e não como um investimento importante para o desenvolvimento pleno do cidadão, garantindo acesso a bens culturais e espaços públicos educativos. Para se ter uma ideia da real dimensão, além do fato de museus brasileiros sofrerem acidentes por falta de investimento e manutenção, as políticas de incentivo a visitas também são insuficientes. Segundo dados do órgão responsável (IBRAM), em 2017, dos 1001 museus brasileiros que fizeram a contabilização do público, atingiram juntos a quantia de 32,2 milhões de visitantes⁸. Enquanto isso, no mesmo período, o Museu do Louvre, na França, registrou 8,1 milhões de visitas, aproximadamente 25% do total dos museus brasileiros juntos. Isso demonstra a defasagem e necessidade de políticas públicas de incentivo ao acesso aos museus.

Os dados apresentados nesta seção nos oferecem um quadro de desafios e perspectivas em relação a temática desta pesquisa e reforçam a importância do aprofundamento de estudos e pesquisas que revelem o potencial formativo dos museus e sua contribuição, significativa, na construção de saberes e conhecimentos histórico e culturais para os alunos, professores e sociedade em geral.

⁸ Dados obtidos em <https://www.brasildefato.com.br/2018/09/05/museus-brasileiros-batalham-por-apoio-afirma-dirigente/>

2. O PROJETO PASSEIOS PEDAGÓGICOS: DA PROPOSIÇÃO A EFETIVAÇÃO DA PROPOSTA

Nesta seção será analisado a criação do projeto “Passeios Pedagógicos”⁹ da Secretaria Municipal de Educação de São Carlos. Serão abordados aspectos desde a implantação, passando pela abrangência e o número de atendimentos deste projeto. Por fim será apresentado o MAPA (Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara), onde a pesquisa foi realizada.

2.1- A origem do projeto

A cidade de São Carlos, SP, conta com diversas instituições que podem receber visitas de grupos escolares. Nesta lista temos: museus históricos, centros de ciências, indústrias, parques naturais, estações de tratamento de água e esgoto, fazendas históricas, centros culturais, entre outros.

Diversas atividades que envolvem as visitas a esses espaços são solicitadas, livremente, por professores que, conhecendo essas instituições e suas potencialidades educativas, incluem a visita no planejamento escolar para que possa atender às demandas de temáticas, aprofundando os conhecimentos e conceitos tratados no ambiente escolar. Em outros momentos essas visitas são organizadas pela SME para atender as parcerias com as instituições ou para cumprirem diretrizes e legislações que são postas, fazendo com que as escolas e professores se adaptem a estas propostas e as incorporem, obrigatoriamente, no cronograma escolar.

O que isto demonstra é que, partindo dos professores ou da própria Secretaria de Educação, as atividades fora do ambiente escolar ocorrem, de forma esporádica e dependendo das demandas e interesse. Não há uma sistematização a princípio destas atividades.

Com a entrada da nova gestão administrativa municipal em 2017, a Secretaria Municipal de Educação de São Carlos, visando atender as demandas da rede de ensino em potencializar diferentes espaços educativos, criou um programa

⁹ É importante ressaltar que o Projeto aqui apresentado foi autorizado pela SME, por meio do Termo de Consentimento (ver Anexo 05).

para incentivar e organizar atividades pedagógicas diferenciadas das gestões anteriores. O projeto ocorreu em duas etapas distintas e foi denominado “Passeios Pedagógicos”.

A primeira versão do projeto ocorreu em 2017. O projeto foi apresentado para os diretores das escolas, bem como os locais que poderiam ser visitados e quais os temas abordados em cada um dos espaços. Caberia aos diretores repassar durante o planejamento, do início do ano letivo, as informações para os professores e solicitarem as visitas, colocando em seus planejamentos e cronograma tal atividade, juntamente com os objetivos da visita.

A atividade potencializava diversas visitas das escolas aos espaços educativos, porém, caberia a cada unidade escolar (professores e gestores) a organização e a solicitação das atividades de acordo com o projeto educativo e o planejamento escolar.

Embora o projeto tenha se desenvolvido no ano de 2017, percebemos diversos problemas:

- algumas escolas tiveram proporcionalmente um número de saídas maior que outras;
- dentro da mesma escola tivemos anos/séries que realizaram mais saídas que outros anos;
- na mesma unidade escolar, no mesmo grupo de ano/série, algumas turmas saíram e outras não.

Estas disparidades ocorreram, pois como mencionado, o projeto nesta etapa funcionou por demanda e solicitação dos professores. Em algumas escolas a gestão organizou para que a unidade escolar realizasse as saídas, em outras os professores, agrupados por ano/série fizeram um planejamento conjunto, ou em algumas escolas o professor fez de forma individual um planejamento que envolvesse as visitas. Pensando em criar um projeto com equidade, no final do ano de 2017, a equipe da SME enviou às escolas uma tabela com os locais possíveis de visita, pedindo para preencher qual daqueles locais eram os mais apropriados de acordo com o ano/série e os conteúdos curriculares. Após analisar os dados obtidos, foi criada um quadro de visitas. A proposta era de realização de uma visita

semestral para cada turma do ensino fundamental, atingindo assim com equidade a turma toda. Cada ano/série iria visitar uma instituição distinta.

Ano/Série	1º semestre	2º semestre
1º ano do ens. fundamental Manhã e Tarde	CEMAC Biblioteca Municipal	Escola da floresta – Sítio São João
2º ano do ens. fundamental Manhã e Tarde	CDCC	Embrapa
3º ano do ens. fundamental Manhã e Tarde	CDCC SAAE- Ciclo da água	CDCC- Educação Ambiental com Ênfase em Resíduos Sólidos
4º ano do ens. fundamental Manhã e Tarde	Faber Casttel São Carlos	Parque Ecológico São Carlos
5º ano do ens. fundamental Manhã e Tarde	Observatório de Astronomia da USP	Museu de Ciência Mário Tolentino
6º ano do ens. fundamental Manhã	MAPA - Museu de Arqueologia e Paleontologia de Arataquara	Trajeto Urbano São Carlos
7º ano do ens. fundamental Manhã	TRILHA DA NATUREZA DA UFSCAR: CERRADO E MATA GALERIA	Museu São Carlos – pró-memória
8º ano do ens. fundamental Manhã	Museu Santa Eudóxia- São Carlos	Fazenda Conde do Pinhal.
9º ano do ens. fundamental Manhã	Três poderes: Câmara Municipal, Prefeitura e Fórum Civil de São Carlos	Museu Casa de Portinari

Quadro 1. Quadro de visitas para os Passeios Pedagógicos

Fonte: SME de São Carlos, SP - 2018

O quadro de visitas também ajudaria na correção de outro problema, turmas que já haviam visitado uma das instituições em anos anteriores acabavam visitando novamente em séries seguintes. Neste sentido, sabendo que as saídas das escolas são limitadas, oportunizando ao aluno a visita a uma instituição que ainda não havia conhecido, ampliando assim seu repertório cultural.

Além destas atividades de saídas das escolas, foram realizadas também atividades científicas e culturais nas escolas, como apresentações teatrais, apresentação de projetos e atividades científicas de grupos ligados às universidades

USP (Universidade de São Paulo), UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) e a Faculdade UNICEP (Centro Universitário Central Paulista).

Assim no início do ano letivo de 2018, o projeto reformulado foi apresentado a todas as escolas e aos professores para que contemplassem as atividades no planejamento anual elencando as datas, os locais das visitas, as turmas envolvidas, o objetivo das ações e a articulação das mesmas com o conteúdo escolar.

2.2. As atividades realizadas e a participação das escolas

No ano de 2017 foram atendidas, na rede municipal de educação de São Carlos, SP, diversas unidades escolares, em todas as modalidades: educação infantil, primeiro e segundo ciclo do fundamental e EJA.

Como nossa análise é referente ao ensino fundamental, as atividades ligadas aos outros segmentos de ensino não serão informadas.

No ano de 2017, conforme quadro abaixo, foram realizadas 163 visitas e atendidos 6510 alunos.

Unidade escolar	Número de atividades	Número de alunos atendidos
EMEB Antônio estela Moruzzi	10	420
EMEB Angelina Dagnone de Melo	43	1470
EMEB Maria Ermantina C. Tarpani	5	300
EMEB Carmine Botta	33	1170
EMEB Arthur Natalino Deriggi	34	1350
EMEB Névio Dias	4	120
EMEB Janete M. Lia	10	450
EMEB Dalila Galli	9	420
EMEB Afonso F. Vitalli CAIC	15	810

Quadro 2. Número de atendimentos das escolas do projeto Passeios Pedagógicos em 2017

Fonte: elaborada pelo pesquisador

Percebendo a disparidade criada pelas escolas, deixando com que o projeto atendesse interesse e demanda, e visando garantir o acesso de todos os alunos da rede, o projeto foi reestruturado em 2018 pela SME buscando suprir essas lacunas.

Unidade escolar	Número de atividades	Número de alunos atendidos
EMEB Antônio estela Moruzzi	26	546
EMEB Angelina Dagnone de Melo	35	957
EMEB Maria Ermantina C. Tarpani	13	324
EMEB Carmine Botta	35	975
EMEB Arthur Natalino Deriggi	50	1319
EMEB Névio Dias	10	213
EMEB Janete M. Lia	13	232
EMEB Dalila Galli	30	776
EMEB Afonso F. Vitalli CAIC	56	1345

Quadro 3. Número de atendimentos das escolas do projeto Passeios Pedagógicos em 2018

Fonte: elaborada pelo pesquisador

O resultado da ação foi significativo. De acordo com informações da SME as visitas passaram de 163 para 268, ou seja, um aumento de 64,4%. O número de alunos atendidos também teve um leve aumento, passou de 6510 alunos para 6687.

Dentro dessa nova configuração todos os alunos do ensino fundamental da rede municipal de São Carlos tiveram ao menos uma atividade de visitação garantida. Nesses dois anos de projeto, tivemos então a configuração de visitas aos locais descritos no quadro abaixo e o número de alunos que frequentaram cada local.

LOCAL	NUMERO DE VISITANTES
CEMAC e Biblioteca Municipal	1760
CDCC	1111
CDCC -SAAE- Ciclo da água	1108
Faber Casttel	870
Observatório de Astronomia da USP	1004
MAPA - Araraquara	200
Cerrado UFSCar	207
Museu Santa Eudóxia	164
Três poderes	195

Escola da Floresta – Sítio São João	1390
Fazenda Conde do Pinhal.	207
SESC	1808
Cine Saocarlos	870
Corpo de Bombeiros	73
Embrapa	164
Parque ecológico	291
Museu de Ciência Mario Tolentino	1108
Fundação Pró-memória	217
Museu Casa de Portinari	195
Outros espaços	255

Quadro 4. Número de atendimentos das escolas do projeto Passeios Pedagógicos em 2018

Fonte: elaborada pelo pesquisador

Embora tenham sido vários os espaços formativos visitados através do Projeto, para a realização da pesquisa foi selecionado apenas um destes espaços, delimitação necessária para um aprofundamento e em decorrência do tempo para realizar a pesquisa.

Acreditamos ser de pertinência e relevância ressaltar a necessidade de novas pesquisas e estudos que se debrucem sobre outros espaços em que as ações foram realizadas, com o objetivo de compreender de forma global o raio de alcance das ações propostas pela SME de São Carlos, no que tange ao Projeto Passeios Pedagógicos.

2.3 – As visitas ao MAPA

O local de visitação selecionado para esse estudo foi o Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara (MAPA). A escolha por esse espaço formativo ocorreu devido ao meu grau de envolvimento com os museus, devido minha formação e atuação profissional como professor da área de História e atuante em defesa desse espaço na formação inicial e continuada de professores do ensino fundamental II.

O MAPA¹⁰ se localiza na rua Voluntários da Pátria, nº 1485, no Centro da cidade de Araraquara. O seu acervo conta com mais de 36 mil peças arqueológicas todas vindas das cidades da região. Parte deste acervo é composta de peças das populações que habitaram a região há mais de 10 mil anos, como utensílios feitos de pedra (pontas de lança, machadinhos), urnas funerárias e diversos outros itens ligados a cultura destes povos.

Seu acervo foi se estruturando através de doações, de pesquisas de licenciamento ambiental e pesquisas acadêmicas de diversas instituições. Hoje o museu é uma das maiores referências de arqueologia regional e propagação da cultura arqueológica, sendo visitado e estudado por interessados na temática.

A visita ao MAPA ocorreu com as turmas de 6º. Ano do ensino fundamental da rede municipal de São Carlos, SP, devido ao conteúdo deste nível de ensino. Dentro dos conteúdos curriculares dos alunos de 6º ano do ensino fundamental está a temática exposta no MAPA, segundo a BNCC (Base Nacional Curricular Comum), Currículo Paulista, currículo escolar e material didático, no 6º ano do ensino fundamental deve-se tratar da temática da pré-história, da chegada dos seres humanos até o continente americano, seu modo de vida e cultura. Sendo assim, os alunos puderam, neste museu, ter contato direto com artefatos confeccionados pelos povos americanos pré-colombianos que habitaram a região.

Por ter um grande acervo e ser de pedra, sofrendo pouco desgaste com o manuseio, os alunos além de visualizar os objetos e receberem informações, puderam manusear e tatear os objetos, tendo uma vivência bem diferente da sala de aula que se restringe a ver uma foto do objeto impressa no livro (levando em consideração que há livros que não trazem imagens, muitos que trazem a imagem nem sempre é de qualidade, muitas fotos pequenas e não sendo possível ter noção do tamanho real do objeto).

Os alunos podem filmar e tirar fotos para registrar as atividades, aprendendo um pouco sobre a cultura museológica e regras da instituição, diferente de muitos outros museus os visitantes podem fotografar as peças usando o flash da câmera, pois como o acervo é composto de objetos de pedra em sua maioria, a luz dos flash não interfere na vida útil do objeto.

¹⁰ <http://www.zanettiniarqueologia.com.br/mapa.html>

Vistos como espaços multiculturais e interdisciplinares, como ambientes de contemplação, questionamento, descoberta, ressignificação, mediação, encantamento, entretenimento, confronto e diálogo, os museus possuem grande potencial para oferecer oportunidades educacionais a pessoas de todas as idades, formações, habilidades, grupos sociais e etnias, sendo caracterizado como um espaço de educação não-formal. Na esfera da educação não-formal, as atividades distinguem-se por possuir maior flexibilidade em relação ao tempo, espaços, conteúdos e metodologias de trabalho; por abordar simultaneamente diversas áreas do conhecimento; por privilegiar a aprendizagem baseada em aspectos do conhecimento prévio, da experiência de vida, do cotidiano dos envolvidos; por trabalhar com a diversidade (etária, étnica, de gênero, econômica, de classe social...) além de possibilitar a participação e o diálogo, entre outras características (CHIOVATTO, 2010).p 116

A atividade de visita é monitorada, tendo explicações sobre os objetos ali presentes e orientação para apreciação e manuseio dos itens. Além da explanação sobre os objetos, é realizada uma atividade interativa na qual são apresentados objetos para os visitantes, e através da análise deste objeto fazer uma produção sobre a finalidade daquele objeto e sobre seu modo e período de produção, desafiando os alunos a terem uma experiência como pesquisadores e historiadores. Além desta atividade, na área de paleontologia há uma réplica de sítio arqueológico para realizar uma simulação de atividade de escavação, com fósseis artificiais, mostrando as técnicas e procedimentos do trabalho de campo dos pesquisadores.

Durante a visita, é realizada uma pausa para alimentação. Pois a visita se estende pelo período letivo do aluno, sendo necessário este tempo para alimentar, e uma pausa para os alunos. Momento este em que a equipe também faz uma pausa, visto que é a mesma monitora do início ao fim da visita que acompanha a turma.

Além das atividades de visita nas salas de Arqueologia e de Paleontologia, os alunos são convidados a uma visita na parte externa, na calçada do museu. Nesta área, são encontradas diversas pegadas e demais registros fósseis. Nas calçadas da região onde fica o museu são comuns estes fósseis, sendo considerado um “museu a céu aberto”, mostrando aos alunos uma outra configuração de museu, que não deixa de ser um local de preservação e aprendizado. Placas indicativas e explicativas estão fixadas próximas a esses registros fósseis.

A visita a esse espaço de memória objetivou promover nos alunos a pesquisa, a análise e a exploração dos significados dos objetos expostos como forma de qualificar sua função social de guarda, pesquisa e divulgação da memória social.

3. CAMINHOS DA PESQUISA

Nesta seção abordamos as questões da metodologia de desenvolvimento da pesquisa, os fundamentos teóricos que norteiam cada uma das ações do processo de pesquisa. Também foram abordados o tipo de estudo, os instrumentos para coleta de dados, os critérios para a seleção dos sujeitos da pesquisa e o método de análise dos dados obtidos.

3.1- O Estudo Exploratório Descritivo

Para a realização da pesquisa, foi proposta a metodologia de um estudo de caso, pois se trata de “um estudo em profundidade de um fenômeno educacional, com ênfase na sua singularidade” (ANDRÉ, 2005, p. 19). Ou seja, um estudo sobre um grupo de alunos de 6º ano do ensino fundamental, participantes de um processo formativo escolar por meio de uma visita a um museu arqueológico.

A pesquisa foi dividida em fases:

- 1) Exploratória** (nesta fase iniciam-se os primeiros contatos, realiza-se um estudo da produção referente a temática e seleção das metodologias de coleta de dados);
- 2) Delimitação do público alvo** (escolha do público alvo, do caso a ser estudado, do foco dos questionários e dos documentos analisados);
- 3) Análise dos dados** (organização e sistematização dos dados obtidos, indo além da descrição). Para realização da pesquisa foi selecionado um dos

espaços/instituição que são visitados durante o projeto e o público alvo diretamente ligado às propostas da pesquisa.

3.2- Os participantes da pesquisa

Os colaboradores desta pesquisa foram alunos de 6º ano de uma escola da rede municipal de São Carlos que participaram das visitas ao Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara (MAPA).

A escolha dos alunos e professores de 6º anos do ensino fundamental ocorreu devido ao fato de serem estas as turmas que visitam o MAPA, pois o acervo do museu trata da temática estudada pelos alunos em sala de aula atendendo ao currículo proposto para esse ano de escolaridade em relação a aprendizagem da disciplina de História.

Na escola selecionada para o estudo existem 5 salas de 6º ano do ensino fundamental. Cada sala contava no período da pesquisa com 25 alunos matriculados, totalizando 125. Deste total de alunos, 124 responderam aos questionários.

Os participantes da pesquisa são alunos de uma escola que fica em um bairro intermediário, entre a região central e a periferia. Esta escola foi inaugurada em 1992, e atende a educação fundamental, ciclo I e II. No período da manhã são atendidas 16 turmas de 5º ao 9º ano atendendo em torno de 450 alunos. No período da tarde, também funcionam 16 salas, porém, atendendo de 1º ao 5º ano, atendendo em torno de 400 alunos. A escola também atende no período noturno 5 turmas na modalidade EJA, ciclo I e II do ensino fundamental, atendendo em torno de 120 alunos.

A escola conta com uma biblioteca em seu espaço, que faz parte da rede municipal de bibliotecas públicas. Além disto, a escola conta com sala para atendimento de alunos com necessidades especiais, realizados por especialistas da área, além do ensino colaborativo em sala. A escola, em parceria com a UFSCar,

realiza o PIBID, além dos estágios obrigatórios de cursos de licenciatura. Estas são características da escola que os alunos participantes da pesquisa frequentam.

3.3 - O passeio analisado

A visita ao museu faz parte das estratégias de ensino, sendo contemplada no plano de ensino. Os professores se utilizam desta estratégia de ensino para complementar e ilustrar o conteúdo trabalhado na aula, além de trabalhar com esta visita outros conteúdos culturais, garantindo acesso a bens culturais e valorizando a cultura museológica e de respeito a espaços de pesquisa e resgate histórico.

O passeio pedagógico ao MAPA foi realizado ao longo de uma semana, sendo cada uma das 5 turmas da escola selecionadas em um dia da semana buscando contemplar o horário das aulas dos estudantes. A saída ocupava todo o turno de aula dos alunos, pois o museu ficava em um município vizinho localizado a 40 km. Além do tempo de deslocamento para ida e retorno, foi programado um período de pausa para alimentação.

3.4- A coleta de dados

Para a realização da pesquisa¹¹ e coleta de dados foi aplicado questionário semiestruturado (anexo3). As questões propostas foram elaboradas de acordo com as demandas da pesquisa e autorizadas pelos participantes (ver anexo 04).

¹¹ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética – na Plataforma Brasil com o seguinte número do processo:19259219100005504

O questionário tem como objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. O uso de questionário como instrumento de coleta de dados também permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente e possibilita atingir um número maior de pessoas (GIL, 1991, p. 125).

A aplicação dos questionários foi realizada na semana seguinte, após a visita ao museu, em parceria com a professora de História das turmas, como uma forma de avaliar a atividade.

Ao todo foram elaboradas 10 questões fechadas e 3 questões abertas permitindo a organização das ideias e a percepção dos alunos sobre as aprendizagens significativas do passeio.

A aplicação do questionário contribuiu de forma significativa tanto para o pesquisador, quanto para a professora responsável pela turma, pois significou um processo avaliativo fundamental para a avaliação da atividade proposta.

Além dos itens acima citados, foram realizados registros das visitas dos alunos ao museu, através de fotos (com prévia autorização – Ver Anexo 5) e registro de observação do pesquisador.

No caso das fotografias, essas já são utilizadas em pesquisas qualitativas e elas oferecem fortes dados descritivos (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 183) e também por estimular a memória dos sujeitos, sendo um recurso eficaz por proporcionar referências sólidas, gerar dados de qualidade; e eficientes por simplificarem procedimentos, conferindo maior autonomia ao pesquisador (FALCÃO; GILBERT, 2005, p. 113).

Esses registros se fazem necessários para avaliar a interação dos alunos com o espaço visitado e posteriormente colaborarão para a análise dos dados obtidos por se tratar de uma proposta de estudo de caso de um museu, ou seja, espaço de educação não formal.

Documentos institucionais referente ao projeto e ao espaço visitado também foram utilizados para a coleta de dados da pesquisa, informações referentes ao projeto de visitas com o número de participantes, cronograma e diretrizes do projeto

auxiliam na condução e dão suporte com dados essenciais ao interesse da pesquisa.

Os dados obtidos foram analisados de forma qualitativa com o referencial teórico de apoio buscando atender aos objetivos e aos questionamentos iniciais.

4 – O OLHAR DOS ALUNOS SOBRE AS APRENDIZAGENS RESULTANTES DA VISITA AO MAPA

Nesta seção, traremos os resultados obtidos com a análise e interpretação dos dados e faremos as considerações a respeito destes resultados, trazendo as contribuições da pesquisa para a comunidade acadêmica e escolar.

4.1 – A análise dos dados das questões fechadas

A primeira questão foi em relação a visita dos alunos ao MAPA. O intuito era o de compreender se os alunos tinham participado da visita ao local. As respostas revelaram que dos 124 alunos, apenas um não realizou a visita.

Outra questão levantada aos alunos foi em relação ao conhecimento do espaço visitado. Os dados revelam que apenas 4 alunos (3%) conheciam o museu. Sendo assim, para a grande maioria dos alunos, ou seja, 120 alunos (97%) a visita ao MAPA era uma novidade. Compreendemos que diversos são os motivos pelos quais muitos alunos não conheciam o museu e, o primeiro deles, é em relação ao museu estar situado em outra cidade, outro motivo é a falta de divulgação e valorização pelas famílias, pela escola e pela comunidade. Vários autores (Priore 2016, Santo 2000, Mongeló 2018) apontam que a cultura de visitas museológicas é pouco estimulada e valorizada no Brasil “A manutenção da desvalorização do passado contribui para a dificuldade de legitimação dos museus que se voltam para a preservação(...)” (SANTOS 2000) e estes dados corroboram com esta realidade.



Gráfico 1. Porcentagem de alunos que conheciam o MAPA

Fonte: Dados da Pesquisa de Caio Henrique Silveira da Silva

A terceira questão elaborada aos alunos foi em relação à visita a outro museu. De acordo com os respondentes 77 (62%) afirmaram já ter visitado outro museu e 47 (38%) dos respondentes assinalaram que a visita ao MAPA foi o primeiro contato com um museu. Novamente, esses dados revelam o desconhecimento e a falta de incentivo cultural as nossas crianças e jovens. A localização e a ausência de espaços culturais não podem ser justificadas como impeditivos no município de São Carlos pois existem museus de fácil acesso estabelecidos em regiões centrais, como é o caso do Museu de São Carlos que fica ao lado de uma estação rodoviária, onde diversas linhas de ônibus municipal passam. Este museu municipal fica instalado na estação ferroviária e tem uma escala de atendimento ao público que inclui sábados, domingos e feriados para facilitar o acesso. Existe também em São Carlos o Museu da Ciência Mario Tolentino, que fica na avenida principal da cidade, em uma praça central, com pontos de ônibus, localizado na mesma praça onde fica a câmara municipal e próximo a duas escolas estaduais.



Gráfico 2. Porcentagem de alunos que conheciam outros museus

Fonte: Dados da Pesquisa de Caio Henrique Silveira da Silva

Outro dado importante de análise diz respeito à participação dos alunos nesses espaços. Ou seja, o questionamento foi em relação à visita aos museus ter sido incentivada ou ter ocorrido como atividade da escola.

Esta questão é essencial nesta pesquisa, pois indica se os alunos envolvidos já haviam visitados museus sem ser com a escola, ou seja, se há por parte do aluno ou de seus familiares esta cultura de visitar museus. Nesta questão 82 alunos (66%) afirmam que as vistas a museus ocorrem apenas como atividade escolar, ou seja, se não fosse por iniciativa de projetos da escola, esses alunos dificilmente conheceriam estes espaços. Isso auxilia na resposta da questão anterior onde 77 alunos afirmaram já conhecer outros museus e isto provavelmente só foi possível por projetos escolares. Com auxílio de políticas educacionais, diversos alunos tiveram acesso a bens culturais (mais que um espaço em alguns casos). Isso faz parte da formação do aluno e do dever do estado e da escola na formação do cidadão. A escola tem assim um papel importante de garantir acesso aos bens culturais, incentivar a vista e exploração destes espaços e reforçar o papel educativo destas instituições.



Gráfico 3. Porcentagem de alunos que conheciam outros museus

Fonte: Dados da Pesquisa de Caio Henrique Silveira da Silva

Os dados apresentados até o momento revelam a importância do investimento em políticas públicas e educacionais que garantem o incentivo a cultura e a participação efetiva dos alunos e da sociedade em espaços culturais pouco explorados e fundamentais para a história e a identidade da nossa região e do nosso país.

Em relação ao interesse em conhecer outros espaços culturais após a visita ao MAPA os alunos se posicionaram da seguinte forma: 118 alunos (95%)

responderam que gostariam de conhecer outros espaços, e 6 alunos (6,5%) relataram que não.

Com esta informação podemos entender que a visita, foi expressiva para esses alunos, colaborando para um repensar nas atividades e práticas escolares que incentivem e mobilizem ações voltadas para outros espaços com a intencionalidade de ampliação e divulgação dos vários campos do conhecimento e a ampliação do repertório social e cultural dos alunos. O interesse despertado nos alunos por estas ações deve ser levado em consideração e explorado da melhor forma para garantir aprendizagens significativas.

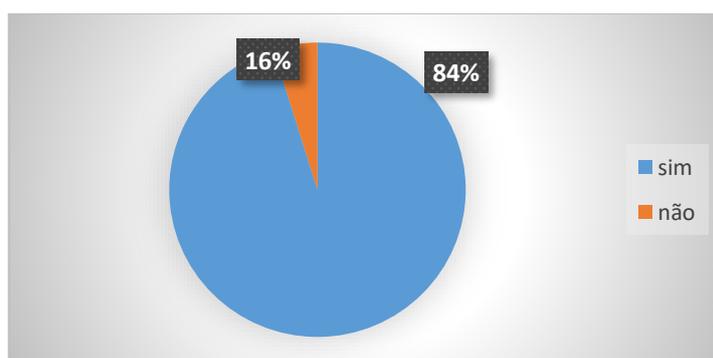


Gráfico 4. Porcentagem de alunos com interesse em conhecer outros espaços após a visita ao MAPA

Fonte: Dados da Pesquisa de Caio Henrique Silveira da Silva

Outra questão solicitada aos alunos foi em relação a motivação para a realização de uma futura visita no mesmo espaço. De acordo com os respondentes 104 alunos (84%) responderem que gostariam de retornar ao MAPA em outro momento e 20 alunos (16%) responderam não terem interesse.

Este dado reforça o aspecto positivo e o interesse dos alunos na visita e a possibilidade do incentivo ao retorno do espaço com familiares e amigos, expandindo assim a terceiros este interesse e os conhecimentos obtidos na visita, criando uma cultura museológica e valorização de espaços de memória e divulgação científica.

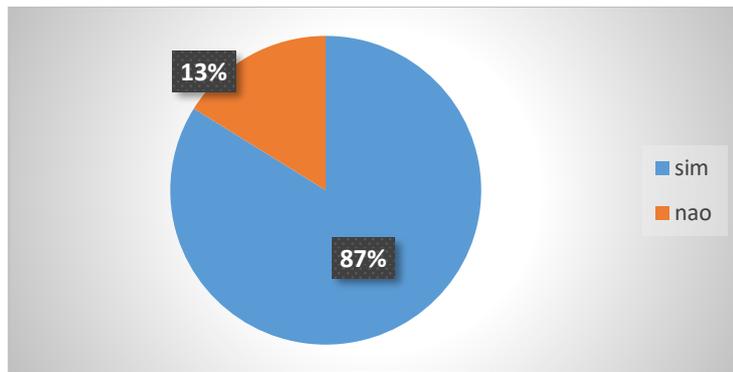


Gráfico 5. Porcentagem de alunos interessados em uma nova visita ao MAPA

Fonte:Dados da Pesquisa de Caio Henrique Silveira da Silva

Os alunos também foram questionados a respeito da nota que atribuiriam a visita em uma escala de 0 a 10 em ordem crescente de valor. Pudemos perceber que os valores insatisfatórios ou medianos (de zero a sete) somam uma mínima quantidade de alunos. Ao chegar na nota 8, temos um aumento e volume considerável, sendo o primeiro pico. As notas de 9 a 10 somam a grande parte dos estudantes (83 alunos). Isso indica que para a maior parte dos alunos a atividade foi positiva de modo geral.

Esse dado revela que a atividade, de certa forma, contempla os objetivos propostos da importância da visita a espaços não escolares. Ou seja, a valorização de que em diferentes práticas sociais ocorrem processos educativos e que a legitimidade dessas ações deve ser validada pelos participantes de forma positiva e produtiva.

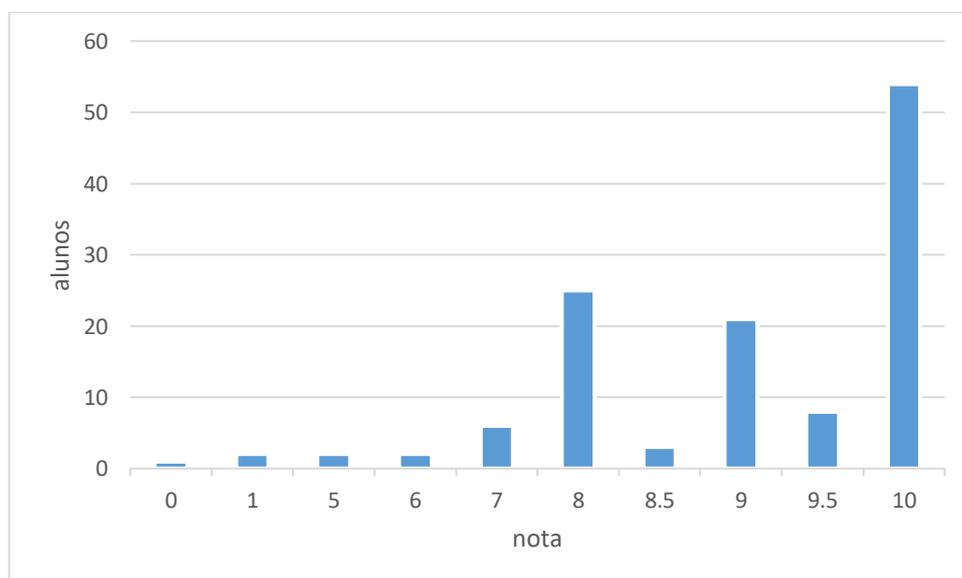


Gráfico 6. Escala de notas atribuídas pelos alunos a visita

Fonte: Dados da Pesquisa de Caio Henrique Silveira da Silva

Outro questionamento solicitado aos alunos foi se acharam importante o que foi vivenciado no MAPA. Acreditamos que compreender a importância que os alunos agregam aos conhecimentos ali aprendidos ou difundidos, o aprendizado tem que fazer sentido ao educando. A valoração realizada se deu livremente, esta importância foi subjetiva, não houve parâmetros ou relação com a utilização direta destes conhecimentos com a escola ou uso em alguma função social, os alunos estiveram livres para agregar a importância que quiseram sem parâmetro pré-estabelecido. Para 121 alunos (98%), quase a totalidade, o aprendizado obtido no museu foi importante, aprendizado este possibilitado com a interação da escola, como visto nas questões anteriores. A escola se faz um importante mecanismo de interação dos alunos com os espaços de educação não formal, de difusão científica.

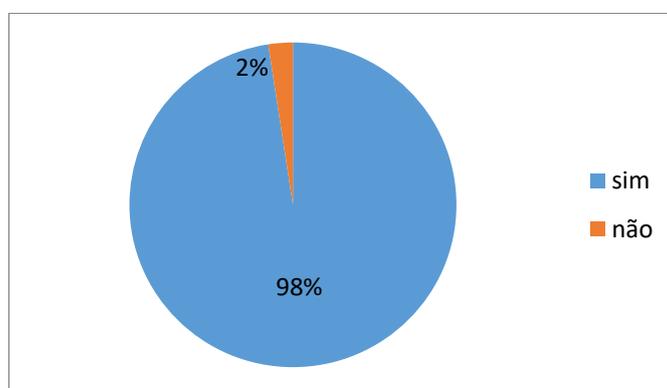


Gráfico 7. Porcentagem de alunos que acharam importante a experiência

Fonte: Dados da Pesquisa de Caio Henrique Silveira da Silva

Os alunos foram questionados também sobre a importância da visita para a compreensão dos conteúdos escolares. Esta questão indica a associação que os alunos fizeram entre os conhecimentos aprendidos no museu com os conteúdos curriculares trabalhados em sala de aula. Como dito, tal visita ao museu faz parte da estratégia contida no plano de ensino da disciplina de história, pois, o acervo do museu contempla os conteúdos curriculares da disciplina de história do 6º ano do ensino fundamental. A proposta da visita é complementar o conteúdo da sala de aula de uma forma diferenciada, além de trabalhar outras questões e temas

não abordados na escola. Dar uma outra perspectiva para o estudo de história e contato direto com as fontes históricas, pois dentro do tema trabalhado, os livros didáticos trazem imagens dos objetos, porém no museu os alunos têm contato, tendo real dimensão e detalhes dos objetos, além de poderem tocar parte do acervo e contar com detalhes do processo de fabricação e utilização destes itens.

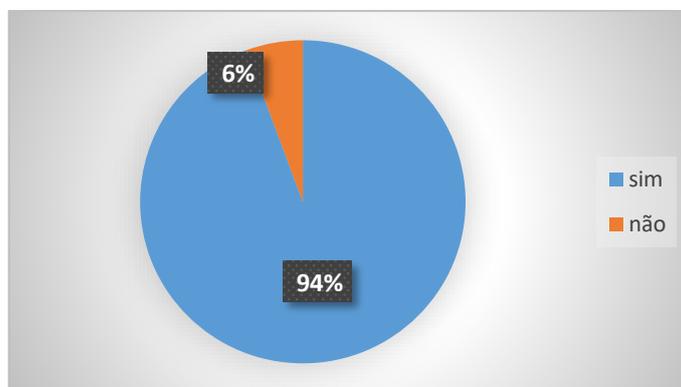


Gráfico 8. Porcentagem de alunos que consideraram a visita importante na compreensão do conteúdo escolar

Fonte:Dados da Pesquisa de Caio Henrique Silveira da Silva

A última questão fechada, enfocou se na visita ao museu o aluno aprendeu algo diferente além do conteúdo da disciplina. Nesta questão, os alunos indicariam se, além de complementar os conteúdos didáticos, a visita também agregou outros conhecimentos que extrapolam o conteúdo curricular. Para 94 alunos (76%) a visita acabou agregando outros conhecimentos, para além do conteúdo escolar. Isto indica que o museu, mesmo tendo a visita planejada para complementar o conteúdo curricular da disciplina de história e oferecer uma forma diferenciada de apreender estes conteúdos, acaba oferecendo aos alunos (parte deles ao menos consideraram isto) conhecimentos além do previsto, tendo a visita então um potencial educativo além do planejado.



Gráfico 9. Porcentagem de alunos que aprenderam algo diferente além do conteúdo da disciplina

Fonte: Dados da Pesquisa de Caio Henrique Silveira da Silva

4.2 – A análise dos dados das questões abertas

A **primeira questão aberta** direcionada aos alunos foi sobre quais aprendizagens e o que mais lhe chamou atenção no museu? Nesta questão, o aluno teve a liberdade de se expressar de forma dissertativa sobre o qual aprendizado na visita mais chamou a sua atenção. Com esta questão buscamos nos atentar a quais aspectos e temáticas da visita ao museu os alunos mais se envolveram e que mais agradou, com isto, podendo explorar melhor este interesse dos alunos e trazer estas temáticas e conteúdos para a sala de aula. A forma como ocorreu esse aprendizado também pode ser explorada pelo professor, buscando formas de potencializar o processo educativo. Nesta questão, tivemos diversas respostas, algumas respostas iguais, apesar de escritas de forma diferentes, e muitas com aspectos comuns, principalmente ligadas a fatos e curiosidades apresentados pela monitora, abaixo irei transcrever algumas respostas para ilustrar tal atividade e para servir de base para a reflexão.

- “*Como as pegadas dos dinossauros ficaram registradas nas pedras.*”
Respostas como esta apareceram 65 vezes. As pegadas e fósseis chamam bastante atenção dos alunos, o contato com esta forma de registro histórico se mostrou bem atraente. Muitos questionaram o

processo de formação destas “pegadas”, como faz para que elas se formem e fiquem intactas chegando até o momento presente ainda preservada. A explicação da monitora se fez necessária, explicando de forma clara e lúdica, utilizando os recursos existentes no museu, agradando aos alunos e trazendo a informação, que agradou e marcou os alunos, que registraram este fato como um dos que mais chamou atenção durante a visita.

- *“Aprendi que por baixo do chão existe um deserto.”* – Esta resposta se repetiu 32 vezes, a informação de que a região atual que vivemos já foi um grande deserto despertou a curiosidade dos alunos. Essa informação gerou inquietações e questões, pois os alunos se surpreenderam com tal afirmação. O fato de ser um deserto foi o que favoreceu a formação de registros fósseis como as pegadas que tanto agradou aos alunos. A explicação sobre as mudanças climáticas e de vegetação foram importantes para compreender as transformações no espaço físico com o passar do tempo, levando os alunos a refletirem sobre estas mudanças na atualidade.
- *“Eu aprendi o que era paleontologia”* – o museu MAPA, tem acervos de arqueologia e de paleontologia. Para muitos alunos, este foi o primeiro contato com estes conceitos. Ao serem indagados pela monitora sobre o significado destas palavras e a diferença entre paleontologia e arqueologia, nenhum deles soube responder. Foi apresentado a eles então o conceito e a diferença entre estas duas áreas de conhecimento.
- *“Varias pessoas falava que os dinossauros viviam com pessoas e isso não aconteceu”* – Esta fala se faz importante aparecer nas respostas, indicando o aprendizado de algo que desmistifica conceitos passados erroneamente por diversas mídias, como filmes infantis e desenhos animados. É recorrente filmes e desenhos animados infantis que mostram dinossauros e seres humanos vivendo no mesmo período

histórico, fato este fictício, pois até o momento todas as pesquisas da área indicam um distanciamento temporal entre a existência dos dinossauros e o surgimento dos seres humanos. O museu é um local de produção e difusão de conhecimento científico, auxiliando no aprendizado e combatendo a difusão de falsos conhecimentos como o caso aqui explicitado.

- “*Que os homens das cavernas fazem uma pedra de caça perfeita e nós não conseguimos fazer*” – Esta resposta está ligada diretamente a uma parte do acervo, onde são apresentadas pontas de flecha confeccionada pelos povos caçadores-coletores que habitavam a nossa região e ao lado são apresentadas algumas pontas de flecha confeccionadas por pesquisadores que tentaram reproduzir os itens históricos. Há uma diferença grande entre os itens, aqueles originais têm formatos e acabamentos detalhados, são simétricos e bem afiados. Já os itens feitos pelos pesquisadores não conseguem se igualar. A simetria é bem irregular, não tem os detalhes e afiação que percebemos no original. A explicação dada pelos próprios pesquisadores é a falta desta habilidade, pois não é mais algo necessário para a sobrevivência, e que cada sociedade e povo tem sua cultura. Isso ajudou a desmistificar a ideia de culturas mais importantes ou evoluídas, ilustrando com este fato que povos que viveram de forma mais simples, a milhares de anos conseguem fazer com maior facilidade e com maior detalhe coisas que hoje não conseguimos reproduzir facilmente.
- “*As pegadas na calçada*” – Além de conhecer o acervo do museu, os alunos andaram pela parte externa do museu, pois na calçada existem fósseis. A rua onde fica o museu é denominada Museu a céu aberto, pois em diversas calçadas são encontradas pegadas e vestígios fósseis e são indicados com placas informativas. Surpreendeu os alunos o fato de poderem nas calçadas encontrar esses vestígios e

estar em um museu sem paredes, um local onde passam e podem ver os vestígios ali no chão.

- “*Quando pudemos tocar nos objetos*” – muitos alunos que já frequentaram outros museus, chegaram com o conhecimento que não podem tocar nos objetos e em alguns casos, nem mesmo fotografar. Porém a monitora começa a sua interação com os alunos falando exatamente deste tema, explicando que cada museu tem suas regras. E que neste museu podem tirar fotos, inclusive usando o flash, pois o material do qual é composto o acervo não sofre com os efeitos da luz, por serem de rochas. Além de tirarem fotos os alunos podem tocar na maior parte do acervo, que se encontra organizada e disposta de forma que os alunos possam tocar e manusear os objetos, sentindo sua textura, peso, afiação e detalhes esculpidos. Os alunos manusearam o acervo e descreviam a sensação de tocar tal objetos, descreviam o formato, peso e demais detalhes que os chamavam a atenção. Vivenciar esta experiência, além de trazer significado no processo de aprendizagem, traz conhecimentos de cultura museológica, aprendendo que museus diferentes podem ter interações diferentes entre objetos e visitantes. Os museus então trazem conhecimento sobre o próprio conceito de museu, de acervo e visitação, assim, agregando outros conhecimentos além daqueles previstos na exposição.

Estas respostas acima ilustram um pouco das temáticas, conceitos e conteúdos que agradaram aos alunos. Os relatos mostram o comprometimento dos alunos e que a visita chamou a atenção e agregou conhecimentos.

A **segunda questão aberta** foi em relação a se os alunos haviam aprendido coisas novas que não tinham visto na escola. Esta questão foi elaborada para que os alunos pudessem relatar se nesta visita obtiveram conhecimentos que não obtiveram na escola. Apesar de ser uma visita proposta pela escola, para complementar os temas trabalhados em sala de aula, outros conceitos e

conhecimentos foram trabalhados na visita. Muitas das respostas da questão anterior serviriam com facilidade para responder a esta questão. Alguns alunos responderam a esta questão apenas de forma afirmativa, sem descrever que aprendizado foi este. A maior parte dos relatos nesta questão estão ligados a curiosidades, como o fato de São Carlos ter sido um grande deserto no passado ou ligados diretamente ao acervo, detalhes dos fósseis, manuseio e contemplação dos objetos. O que vale ressaltar aqui é o fato de que os alunos conseguiram identificar aprendizagens para além do conteúdo curricular, ou ao menos de uma forma diferenciada, tendo contato direto com as fontes históricas e a possibilidade de contemplação e estudo do objeto por si e que o museu tem uma cultura própria e conhecimentos que são trabalhados e difundidos nestes espaços de forma diferente da escola.

Finalizamos o questionário com a seguinte questão: Como você resumiria em uma frase o que a visita representou para você? Nosso intuito era o de compreender como o aluno sintetizava em palavras a experiência vivenciada com a visita. Saber quais aspectos e valores aparecem nas frases, podendo ajudar a identificar quais aspectos positivos foram valorizados e registrados. Seguem algumas respostas para analisar e ilustrar tal questão:

- *“Foi uma visita muito legal, que me ajudou a descobrir várias coisas.”*
- *“Divertido e interessante.”*

As respostas acima indicam que a atividade despertou interesse e trouxe conhecimento e descobertas aos alunos de uma forma diferenciada, “divertido”, “muito legal”. Atividades como estas então podem contribuir assim com o processo de aprendizagem de forma que agrade ao aluno e auxilie no desenvolvimento de uma cultura de valorização de instituições como esta visitada.

- *“Que eu adorei conhecer o museu”.*
- *“Representou informações importantes para o aprendizado, para nós se interessarmos e até para nos incentivar para talvez nós seguirmos essa profissão”.*

Como vimos em questões anteriores, para muitos alunos esse foi o primeiro contato com este museu, e a relação de vista com museus na maior parte dos casos se dá através da mediação e projetos escolares. A escola com esta atividade está cumprindo o seu papel de formar o cidadão e garantir acesso a conhecimento construído e acumulado historicamente pela sociedade. Despertando o interesse dos alunos e sua curiosidade, conhecendo outras formas de interagir com o conhecimento e até mesmo conhecendo uma área de trabalho pouco difundida, podendo “nos incentivar para talvez nós seguirmos essa profissão”. Com esta atividade a escola garante acesso aos bens culturais e expande o repertório de conhecimento dos alunos, ampliando o capital cultural. Como afirma Figureli (2012) “E desta forma o museu busca contribuir para o progresso da sociedade através dos estímulos que provoca em seu público, tendo como intuito o seu desenvolvimento pessoal e social.”

- *“Ela representou para mim algo importante e me explicou o que é paleontologia”.*

A visita a estas instituições agrega conhecimentos de áreas específicas que são pouco trabalhados em sala de aula. Tendo contato direto com as fontes e com as pesquisas recentes da área de conhecimento específico, os alunos têm a oportunidade de vislumbrar conceitos, conhecimento e até mesmo uma área de atuação que antes não conhecia.

- *“Me ajudou a compreender as coisas de história que eu não sabia muito”.*
- *“Representou os estudos que estamos aprendendo na escola. ”*
- *“Eu acho que foi legal, ver vários tipos de pedras e mexer na areia, ver pedaços de xícaras quebradas antigas que algum tempo atrás essas coisas eram novas que era moda”.*
- *“Coisas que aprendemos na escola, sendo “melhoradas”.*

Com estas falas, percebemos que os alunos conseguem notar o aprendizado que é proporcionado em tal atividade de visita. Que os conceitos e conteúdos trabalhados na visita reforçam os conteúdos trabalhados em sala de aula, porém de uma forma diferente, “melhorada”, com uma experiência que traz significado no processo de aprendizagem. Os alunos conseguiram associar os conteúdos escolares com os conteúdos do museu, além disto, perceberam que conteúdos novos foram trabalhados e novas metodologias e formas de aprendizado estavam contidas neste aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que a trajetória dos museus, os leva a se configurar como uma instituição educativa, se preocupando com essa sua função, passa então a criar setores educativos em suas instituições, elaborando planos, formando seus agentes educativos e organizando as exposições de tal forma que favoreça seu papel educativo.

As escolas e órgãos gestores da educação, percebendo este potencial educativo dos museus, passam a valorizar os processos educativos ocorridos nestas instituições, criando projetos na tentativa de sistematização das visitas escolares. Tais projetos fortalecem e estreitam os laços entre estas duas instituições distintas, mas complementares na formação do cidadão. Uma relação mútua, onde as duas instituições se fortalecem no desenvolvimento destas atividades.

Com esta pesquisa, pudemos perceber o potencial educativo em tais atividades de visitas, porém, como potencial, é preciso uma organização para atingir os objetivos educativos propostos. Ter o entendimento que tal atividade faz parte de um processo de aprendizagem, não perdendo o foco da questão didática de tal ação, auxilia, professores e equipe de educadores de museus a organizar tal atividade a fim de que os objetivos sejam atingidos. Tal atividade, muitas vezes pode ser entendida como um mero “passeio”, se não houver um preparo antes e clareza dos objetivos entre todos os envolvidos. O planejamento é essencial e o principal elemento para potencializar o aprendizado nas atividades de visitas pedagógicas. Esta atividade contribui para a formação a aprendizado, não só dos conteúdos da disciplina de história, como afirma Freinet “não era tempo perdido pois todas as disciplinas escolares tiravam proveito disso” (1976, p. 24)

Pudemos averiguar o interesse e envolvimento dos alunos na visita e nos conhecimentos ali propagados. Tais atividades podem ser uma estratégia para trabalhar de forma diferenciada os conteúdos trabalhados em sala de aula, auxiliando no processo de aprendizagem. Analisando pelo viés didático, estas visitas tem um potencial de trazer de forma prática e concreta alguns conceitos e conteúdos abstratos, facilitando a assimilação do conhecimento.

O museu enquanto um espaço que congrega dados, informações, saberes, teorias, discursos, testemunhos, opiniões, histórias e memórias, tem grande capacidade para mediar processos de construção de conhecimentos. FIGURELI, P. 43, 2012.

Como uma atividade desenvolvida em grupo e através da interação (tanto com as pessoas como com os objetos ali expostos), os alunos acabam reforçando a sociabilidade, as relações interpessoais, suas capacidades de observação.

Além disto, os museus trabalham conteúdos diferenciados e interdisciplinares, além de conceitos e conteúdos específicos dos museus. O respeito e valorização dos bens históricos e culturais, a capacidade de observação, interpretação, análise e estudo direto de fonte de conhecimento, habilidades para necessárias para uma pesquisa científica e busca de novos saberes.

Ao despertar o interesse dos alunos com as atividades lúdicas e diversas curiosidades, os alunos agregam sentido ao processo de aprendizagem ali vivenciado, ampliando seu repertório cultural e seu acesso a bens culturais, desenvolvendo uma formação integral, crítica e de pertencimento.

Compreender estas atividades e suas potencialidades pode nos auxiliar a explorar e organizar da melhor forma tais atividades, auxiliando no desenvolvimento dos alunos, servindo de inspiração para aqueles que buscam uma educação que forme um cidadão pleno, crítico, democrático, que busque o conhecimento como forma de combater as inverdades propagadas. Educação esta que segundo Freinet, a educação se dá da seguinte forma:

A experimentação, sempre que isso for possível, que pode ser tanto observação, comparação, controle, quanto prova, pelo material escolar, dos problemas que a mente se formula e das leis que ela supõe ou imagina. A criação, que, partindo do real, dos conhecimentos instintivos ou formais gerados pela experimentação consciente ou inconsciente, se alça, com a ajuda da imaginação, a uma concepção ideal do devir a que ela serve. Enfim, completando-as, apoiando-as e reforçando-as, a documentação – a busca da informação desejada em diferentes fontes – que é como uma tomada de consciência da experiência realizada, no tempo e no espaço, por outros homens, outras raças, outras gerações. (FREINET, 1998, p. 354-355.).

Acredito que pesquisas com essa natureza colaboram para o cumprimento de ações tanto no campo político (repensar a grade dos cursos de formação inicial no que tange as lacunas formativas na área do ensino de História; fortalecer políticas efetivas de formação continuada nesse campo de conhecimento com vistas a um melhor preparo e experiências para os professores atuantes no incentivo dos conhecimentos históricos e culturais; colocar em foco a importância da valorização de disciplinas e conhecimentos relativos a História e os seus componentes) quanto no campo pedagógico (reforçar a relação museu-escola; potencializar as visitas à espaços, não escolares, fundamentais nos processos formativos de alunos e professores; analisar as mudanças de postura e mentalidade dos visitantes).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. Desafios da relação museu-escola. **Comunicação & Educação**. São Paulo, v. 10, set./dez. 1997, p. 50-56.

AZEVEDO, M. R. P. M. Dinâmicas de aprendizagem nos museus: a mediação. **Revista enrede (on-line)**, p. 1-20. Disponível em <http://www.rede-educacaoartistica.org/docs/m_red/MariadoRosarioAzevedo_DINAMICASDEAPRENDIZAGEMNOSMUSEUS.pdf>. Acesso em: 2 de janeiro de 2019.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**, Lisboa: Edições 70, 5ª ed., 2010.

BEMVENUTI, A. Museus e Educação em Museus – História, Metodologias e Projetos, com análises de caso: Museus de Arte Contemporânea de São Paulo, Niterói e Rio Grande do Sul. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes. Porto Alegre, BR-RS, 2004.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo. Editora Cortez, 2004.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto/Portugal: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, C. **Quando a escola vai ao museu**. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

_____. **Relatório Final da Pesquisa** Aprendendo nos museus: conhecendo estratégias educativas e repensando uma pedagogia museal para crianças, CNPq. 2014.

_____. Instantâneos da visita: a escola no Centro Cultural. **Tese de Doutorado**. Departamento de Educação – PUC-Rio, 2005

CAZELLI, S. **Cultura, Museus, Jovens e Escolas**: Quais as relações?, Tese de Doutorado - Departamento de Educação, PUC-Rio. 2005.

FALCÃO, A. Museu como lugar de memória. In: **Museu e escola**: educação formal e não-formal. Secretaria de Educação a Distância: Ministério da Educação. Ano XIX – n. 3 – p 10-21 , maio/2009. Disponível em:

<www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/153511MuseueEscola.pdf> Acesso em: 04 jan. 2019.

FIGURELLI, G. R. **Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano**. Disponível em:

<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>

FONSECA, Selva Guimarães. **Ensino de História hoje**: errâncias, conquistas e perdas. Revista Brasileira de História, v. 30, n. 60, p. 13-33, 2010. Disponível em: Acesso em: 30 out. 2016.

FREINET, C. **As técnicas Freinet da Escola Moderna**. Trad.: Silva Letra. Lisboa: Editorial Estampa, 1976.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed) **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002, p. 64-89.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 3ª ed., 1991, p. 124-133.

KÖPTCKE, L. S. A parceria educativa: o exemplo francês. **Caderno do Museu da Vida: O formal e o não-formal na dimensão educativa do museu**. 2001/2002b, p. 70-79. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/museudavida_novo/media/Cadernos-do-Museu-da-Vida-2001-2002.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2019.

_____, L. S. Analisando a dinâmica da relação museu-educação formal.

Caderno do Museu da Vida: O formal e o não-formal na dimensão educativa do museu. 2001/2002a, p. 16-25. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/museudavida_novo/media/Cadernos-do-Museu-da-Vida-2001-2002.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2019.

MARANDINO, M. Museu como lugar de cidadania. In: **Museu e escola: educação formal e não-formal**. Secretaria de Educação a Distância: Ministério da Educação. Ano XIX – n. 3 – p 29-35, maio/2009. Disponível em: <www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/153511MuseueEscola.pdf> Acesso em: 04 jan. 2019

MARANDINO, M. **Interfaces na relação museu-escola**. Cad. Cat. Ens. Fís., v. 18, n.1, p. 85-100, abr., 2001a.

MARTINS, L. C. A relação museu/escola: teoria e práticas educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP. São Paulo, 2006. **Dissertação (Mestrado em Educação)**. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, S. S. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. (Orgs). **Museus**: dos gabinetes de curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte, MG: Argvmentum; Brasília, DF: CNPq, 2005, p. 221-239.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. In: Projeto História, São Paulo, 1993.

PEREIRA, Jean Carlos Cerqueira. **O ensino de história nas series iniciais**. In: JORNADA DO HISTEDBR, 10., 2011, Vitória da Conquista. Anais eletrônicos... Vitória da Conquista: UESB, 2011. Disponível em: Acesso em: 30 out. 2016.

SÁPIRAS, A. **Aprendizagem em museus**: uma análise das visitas escolares no Museu Biológico do Instituto Butantan. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação/Universidade de São Paulo, 2007.

SZYMANSKI, H. Entrevista Reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: SZYMANSKI, H; ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, R. C. A. R. **A entrevista 2001**

VALENTE, M. E. Educação e Museus: a dimensão educativa do museu. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P. dos; LOUREIRO, M. L. N. (Org.). **Museu e Museologia: interfaces e perspectivas** – MAST Colloquia, 1.ed. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009, v. 11, p. 83-98. Disponível em: <http://www.mast.br/livros/mast_colloquia_11.pdf>. Acesso em: janeiro 2017.

WICHERS, C. A. M. Patrimônio arqueológico paulista: proposições e provocações museológicas. 2012. **Tese (Doutorado em Arqueologia)** - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
doi:10.11606/T.71.2012.tde-19062012-133008. Acesso em: 2019-01-25.

Apêndice

Anexo 1

PROJETO: PASSEIOS PEDAGÓGICOS

A Secretaria Municipal de Educação de São Carlos, buscando atender a demanda de formação integral dos alunos desenvolveu o projeto Passeios Pedagógicos. Nesta atividade os alunos terão acesso à espaço que contribuem para a formação, acesso a bens culturais e acesso à espaços públicos, conhecendo-os e interagindo com espaços da cidade que antes não acessavam.

A proposta é que os alunos se sintam pertencentes ao espaço e crie uma cultura de visitação a espaços científicos e culturais, incentivando a visitação em outros momentos e valorizando os espaços constituídos.

Estes locais visitados, além de contribuir para a formação cidadã e cultural, tem vínculo com conteúdos didáticos trabalhados em sala de aula, complementando e trazendo de uma forma diferente o que os alunos estudaram.

Seleção dos espaços pela Secretaria:

Durante o ano de 2017, o projeto foi ocorrendo de acordo com a demanda e solicitação das escolas, sendo atendidas em quase sua totalidade. Desta forma as visitas não foram igualitárias, tendo turmas ou escolas que realizaram mais atividades externas que outras. Desta forma, para garantir equidade, a secretaria buscou desenvolver um projeto onde todos sejam contemplados e evite alguns possíveis problemas de distinção entre escolas, séries, turmas, e potencializar as saídas dos alunos garantindo espaços diferenciados daqueles já visitados. Desta forma, dentro do ciclo da educação, diversos espaços serão visitados.

“Ao oferecer acesso a novas linguagens, tecnologias, conhecimentos e valores, estimulando a curiosidade dos visitantes, museus e centros culturais são reconhecidamente instrumentos que favorecem o aprendizado. No entanto, é importante, que se faça uma análise mais atenta sobre o espaço que se pretende visitar e a maneira como o conteúdo é nele veiculado para que possamos ter um melhor aproveitamento da visita, tanto por parte dos professores como pelas escolas. Entendemos, assim, que espaços não-formais de educação podem ser bons aliados, complementando o trabalho escolar.”

(Falcão, 2009, p. 21)

A tabela elaborada foi construída com a coleta de dados da rede municipal, atendendo então aos interesses dos professores, com a seleção dos locais mais indicados de acordo com a turma, após coletar os dados e fazer o cruzamento de informações, chegou-se há tabela de visitas para 2018.

Ano/Série	1º semestre	2º semestre
1º Manhã e Tarde	CEMAC e Biblioteca Municipal	CineSão Carlos Escola da floresta – Sítio São João
2º Manhã e Tarde	CDCC	Embrapa
3º Manhã e Tarde	CDCC -SAAE- Ciclo da água	CDCC- Ciclo do lixo
4º Manhã e Tarde	Faber Casttel	Parque ecológico
5º Manhã e Tarde	Observatório de Astronomia da USP	Museu de Ciência
6º Manhã	MAPA - Araraquara	Trajeto Urbano São Carlos
7º Manhã	Cerrado UFSCar	Museu São Carlos – pró-memória
8º Manhã	Museu Santa Eudóxia	Fazenda Conde do Pinhal.

9º	Três poderes	Museu Casa de Portinari
Manhã		

Segue então a tabela construída proposta para o ano de 2018:

Esta atividade tem uma ligação intrínseca com as políticas do município que faz parte da rede internacional das Cidades Educadoras. Alguns dos princípios de uma cidade educadora são: trabalhar a cidade como um grande espaço educador; aprender na cidade, com a cidade e com as pessoas; valorizar o aprendizado vivencial. Se faz necessário que os educandos tenham acesso a estes espaços e ao processo educativo que eles propiciam.

Todos os habitantes de uma cidade terão o direito de desfrutar, em condições de liberdade e igualdade, os meios e oportunidades de formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal que ela lhes oferece. O direito a uma cidade educadora é proposto como uma extensão do direito fundamental de todos os indivíduos à educação. A cidade educadora renova permanentemente o seu compromisso em formar nos aspectos, os mais diversos, os seus habitantes ao longo da vida. (Carta das Cidades Educadoras 1990)

A cidade de São Carlos oferece diversas opções científicas e culturais à população, porém, uma grande parte dos alunos da rede municipal desconhece ou não tem acesso a eles. A intenção do projeto é que professores e alunos tenham o acesso e interação com locais constituídos e reconhecidos pelos valores históricos, científicos, culturais, sociais e educacionais, articulados com o currículo e proposta pedagógica, além das diretrizes e legislações vigentes.

O movimento da escola em direção aos lugares de memória pode ser visto como um sintoma das preocupações em torno da produção das identidades por meio do estímulo à valorização e preservação da memória social e coletiva. Podem ser também indícios da construção de novas práticas de cidadania por meio da promoção do acesso aos bens culturais e patrimoniais, associadas às preocupações específicas de professores interessados em tornar o conhecimento escolar mais significativo e prazeroso, dentre outras preocupações.

(Dutra, 2012, p. 36)

Com o desenvolvimento deste trabalho na rede municipal, esperamos atingir alguns objetivos como:

* Favorecer e incentivar o desenvolvimento de projetos didáticos, e novas formas de aprendizagem significativa, associando o currículo às atividades desenvolvidas aos espaços visitados.

* Acesso a bens científicos e culturais, ampliando e valorizando a produção e respeito das variadas formas de culturas e povos.

* Desenvolver a cultura de visitação à diversos espaços científicos e culturas da cidade, favorecendo a inserção social.

PROGRAMA CULTURA É CURRÍCULO

PROGRAMA CULTURA É CURRÍCULO

O Programa Cultura é Currículo integra o conjunto de ações definidas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo para concretização da sua política educacional, visando propiciar melhor qualidade de ensino da escola pública estadual, seja no sentido de atender aos desafios do mundo moderno, como em relação à função de transmissão do saber, para inserção social de seus alunos. Em acordo com os parâmetros pedagógicos da atual gestão, pauta-se por princípios estabelecidos para a organização curricular:

- Currículo e Cultura;
- Currículo referido a competências;
- Currículo que tem como prioridade a competência escritora e leitora.

Nesse contexto, a definição do Programa orientou-se por três objetivos básicos a serem alcançados:

- Democratizar o acesso de professores e alunos da rede pública estadual a equipamentos, bens e produções culturais que constituem patrimônio cultural da sociedade, tendo em vista uma formação plural e a inserção social.
- Fortalecer o ensino por meio de novas formas e possibilidades de desenvolvimento dos conteúdos curriculares em articulação com produções socioculturais e fenômenos naturais, diversificando-se as situações de aprendizagens.
- Estimular e desenvolver a aprendizagem por intermédio de interações significativas do aluno com o objeto de estudo/conhecimento de disciplinas, reforçando-se o caráter investigativo da experiência curricular.

O Programa Cultura é Currículo é composto por três projetos: Lugares de Aprender: a Escola Sai da Escola, Escola em Cena e O Cinema Vai à Escola.

Figura 1. Programa cultura é currículo

O PROJETO LUGARES DE APRENDER

Tem como objetivo promover o acesso de professores e alunos da rede pública estadual paulista de ensino a museus, centros, institutos de arte e cultura e a parques, como atividade articulada ao desenvolvimento do currículo, e foi concebido em acordo com a Proposta Curricular do Estado de São Paulo, observando as orientações pedagógicas da Coordenadoria de Gestão de Educação Básica - CGEB. Para tanto, os professores receberão orientações por meio de material de apoio pedagógico, denominado Subsídios para o Desenvolvimento de Projetos Didáticos. Apresentam uma sequência de atividades para o ensino de disciplinas curriculares, entre as quais a de visita a uma instituição cultural, centradas em eixos temáticos presentes na proposta curricular das séries e algumas disciplinas. Os projetos foram definidos para cinco segmentos da escolaridade básica, cada um com seu respectivo eixo temático: • 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental – Os seres vivos diante das estrelas • 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental – Heranças Culturais • 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental – Espaços, Tempos e Obras • 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental – Patrimônio, Expressões e Produções • 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio – Séculos, Contextos e Transformações.

Justificativa

O Estado de São Paulo, em especial sua capital, oferece uma infinidade de opções culturais à população. Contudo, grande parte dos alunos da escola pública não tem acesso a elas e, muitas vezes, até desconhecem sua existência. Por ser a cultura parte do patrimônio das sociedades, é função da escola fazer com que seus alunos reconheçam esses locais, como também que a eles tenham acesso. Dessa forma, tendo em vista uma formação plural, este projeto oferece oportunidades para que alunos e professores da rede pública usufruam os equipamentos culturais disponíveis na cidade de São Paulo. Nessa perspectiva de trabalho da escola com a arte e a cultura, o trabalho do professor, responsável pela mediação do aluno com o conhecimento, será apoiado por materiais pedagógicos que reforcem a intencionalidade das experiências no âmbito cultural, articulando os conteúdos de diferentes áreas curriculares com os objetos socioculturais, fenômenos naturais e outras fontes de conhecimento com as quais os alunos irão interagir em suas visitas.

Objetivos

- Proporcionar aos alunos e professores do Ensino Fundamental e Médio da rede estadual o contato direto com diferentes instituições e espaços culturais.
- Produzir e oferecer textos e orientações aos educadores das Diretorias de Ensino, sugerindo novas formas e possibilidades de desenvolvimento dos conteúdos curriculares, por meio de projetos didáticos nos quais a visita a instituições e espaços de cultura está articulada a outras atividades de aprendizagem.

Resultados Esperados

- Dinamização do trabalho docente com a realização de projetos didáticos correlacionados ao currículo escolar e às experiências desenvolvidas nas instituições e espaços culturais.
- Ampliação e aprofundamento da aprendizagem dos alunos pela apropriação de conteúdos de disciplinas das áreas científicas, de arte e de comunicação lingüística, proporcionados nas visitas às instituições culturais.
- Ampliação do universo cultural de alunos e professores.
- Valorização do patrimônio cultural da cidade.
- Compreensão e respeito às diferenças culturais de grupos e povos.
- Formação de público de visita a instituições e espaços culturais, decorrente do desenvolvimento do interesse de alunos e professores pela apropriação de bens culturais.

Material Pedagógico

O material pedagógico produzido para apoiar os educadores no planejamento, exploração e utilização

pedagógica das visitas a instituições e a espaços culturais é formado por subsídios para o desenvolvimento de projetos didáticos, elaborados para cada segmento, de acordo com as disciplinas, temas transversais e eixos temáticos estabelecidos. Apresentam uma justificativa da importância do tema a ser tratado, situando-o na proposta curricular; os objetivos do trabalho; a identificação do que se espera que os alunos aprendam; o produto a ser apresentado ao final das atividades de aprendizagem e as etapas de seu desenvolvimento. A visita à instituição cultural é uma das situações de aprendizagem desse conjunto de atividades.

Horizontes Culturais – Lugares de Aprender: publicação com três textos iniciais para reflexão sobre a experiência de visita às instituições, complementados por um conjunto de informações sobre museus, centros culturais, institutos, memoriais, parques, jardins e outros espaços de conhecimento cultural na cidade.

Lugares de Aprender: produção de vídeos sobre as instituições culturais participantes do projeto, contendo informações sobre a instituição e seu acervo/objeto de trabalho. Cada vídeo tem duração de 4 a 8 minutos por instituição.

Figura 2. O PROJETO LUGARES DE APRENDER

Fonte: <http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/programa.aspx>

Anexo 3

QUESTIONÁRIO

- 1- Você participou da visita ao Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara?
() sim () não
- 2- Você já conhecia este museu?
() sim () não
- 3- Você já visitou outro museu?
() sim () não
- 4- Já tinha ido ou vai sem ser com a escola?
() sim () não
- 5- Após esta visita gostaria de conhecer outros espaços culturais?
()SIM ()NÃO
- 6- Gostaria de voltar para uma nova visita em outro momento?
() SIM () NÃO
- 7- Qual a nota de 0 a 10 você daria para esta visita?
()

8- Achou importante o que viu e aprendeu no Museu?

() sim () não

9- Ajudou a compreender o conteúdo estudado na escola?

() sim () não

10-Aprendeu algo diferente além do conteúdo da disciplina?

() sim () não

11-O que você aprendeu e mais te chamou atenção no museu?

12-Aprendeu coisas novas que não viu na escola?

13-Como resumiria em uma frase o que a visita representou para você?

Anexo 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

(Resolução 466/2012 do CNS)

PASSEIOS PEDAGÓGICOS: uma análise das potencialidades educativas dessas ações na aprendizagem dos alunos do ensino fundamental de uma rede municipal do interior paulista

Eu, CAIO HENRIQUE SILVEIRA DA SILVA, estudante do Programa de Pós Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar o (a) convido seu (a) filho (a) a participar da pesquisa “PASSEIOS PEDAGÓGICOS: uma análise das potencialidades educativas dessas ações na aprendizagem dos alunos do ensino fundamental de uma rede municipal do interior paulista” orientada pela Profª Drª Márcia Regina Onofre..

A proposta desse estudo consiste em realizar atividades baseando-se em uma metodologia investigativa, que segundo Suart e Marcondes (2009), deve priorizar a participação do aluno de maneira ativa dentro do processo de aprendizagem, e para tal, este aluno deve se encontrar diante de um problema e buscar solucioná-lo, sempre com a mediação do professor.

Seu (a) filho (a) foi selecionado(a) por ser aluno de 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal da cidade de São Carlos/SP, cidade onde o estudo será realizado.

Os termos e atividades relacionados a essa pesquisa foram previamente discutidos e esclarecidos com os alunos, que, tiveram a liberdade de escolha de participar ou não da mesma. Isso se oficializou através da leitura do Termo de Assentimento Livre Esclarecido - TALE.

A pesquisa se pautará na análise da vista ao museu, não interferindo nas rotinas escolares. A segunda etapa se dará através de um questionário, que será aplicado pela professora da turma, contendo questões pertinentes a pesquisa.

Solicito, assim, sua autorização para uso de imagens (fotografia), gravação em áudio e vídeo da vista realizada ao Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara. Acreditamos que poderá haver algum tipo de constrangimento por parte dos alunos pelo uso desse equipamento. Avaliaremos e revisaremos de modo permanente os procedimentos de pesquisa de modo a minimizar os efeitos adversos.

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que serão utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação, e para a construção de novos conhecimentos. A pesquisadora realizará o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho.

A participação é voluntaria e não haverá compensação em dinheiro pela sua participação. A qualquer momento, o (a) aluno (a) poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo em sua relação com o professor, à escola ou à Universidade Federal de São Carlos.

Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre a participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas letras, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Você, responsável pela criança, receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e participação agora ou a qualquer momento.

Se houver qualquer problema ou dúvida durante a participação na pesquisa, você poderá comunicar-se com a pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação de meu (minha) filho (a) na pesquisa e o autorizo a participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington

Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110.
Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisadora Responsável: CAIO HENRIQUE SILVEIRA DA SILVA

Endereço, Rua Antônio Ferreira de Menezes, 207, JD. Medeiros, São Carlos/SP.

Contato telefônico: (016) 992377276 e-mail: caio.educador@outlook.com

Local e data: São Carlos, 03 de abril de 2019.

Caio Henrique Silveira da Silva

Nome do Pesquisador

Assinatura da Pesquisadora

Nome do Participante

Assinatura do Participante

ANEXO 5 – Termo de Autorização de pesquisa da Secretaria Municipal de Educação.



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CARLOS
São Carlos, Capital da Tecnologia
Secretaria Municipal de Educação
Rua 13 de maio, 2000 - Centro - CEP: 13560-647 - São Carlos - SP
Telefone: (16) 3373-3222 / Fax: 3373-3227 - E-mail: educacao@saocarlos.sp.gov.br

São Carlos, 31 de julho de 2019

Ilmo Sr.
Orlando Mengatti Filho
Secretário Municipal de Educação

A Equipe Examinadora dos Projetos de Pesquisas do Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de São Carlos analisou o projeto de pesquisa do aluno pós-graduando **Caio Henrique Silveira da Silva**, da Universidade Federal de São Carlos, vinculado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação, intitulado: *“Passeios Pedagógicos: uma análise das potencialidades educativas dessas ações na aprendizagem dos alunos do ensino fundamental de uma rede municipal do interior paulista”*, sob a orientação da Profa. Dr^a Márcia Regina Onofre.

O trabalho tem como objetivos:

- ✓ Averiguar o potencial educativo das ações em espaços não escolares e a relação Museu-escola através do projeto “Passeios Pedagógicos” da Secretaria Municipal de Educação de São Carlos-SP;
- ✓ Apontar como este projeto pode contribuir para a formação dos alunos participantes com a compreensão de temas trabalhados em sala de aula;
- ✓ Como os espaços visitados e professores podem utilizar este recurso da melhor forma, potencializando o aprendizado;
- ✓ Averiguar, também, que outros aspectos culturais tal atividade agrega aos alunos.

A metodologia da pesquisa proposta é o estudo de caso. Para a realização da pesquisa será selecionado um dos espaços/instituição que foram visitados durante o projeto. Os dados serão coletados por meio de entrevistas e questionários.

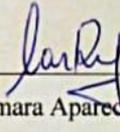
O público alvo da pesquisa são os professores e alunos da rede municipal de São Carlos que participaram das visitas a uma das instituições do projeto “Passeios Pedagógicos”, além da equipe de monitores que recebem a visita e membros do departamento pedagógico da Secretaria Municipal de Educação.

O local de visitação selecionado para a pesquisa será o Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara. Tal escolha se justifica pelo fato desse espaço tratar de temas que mais se aproximam com as experiências e formação do pesquisador (História).

Considerando a importância de pesquisa nesta área para o avanço do conhecimento para possíveis atuações e apontamentos, a Equipe Examinadora dos Projetos de Pesquisas do Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de São Carlos considerou procedente o pedido de autorização do projeto de pesquisa desde que haja as devidas autorizações dos participantes, os dados de pesquisa sejam de uso exclusivo para fins acadêmicos, não sendo permitido o uso de imagem dos alunos, professores e equipe escolar. Ressaltamos que a gestão de cada Unidade Escolar possui autonomia para tomada de decisão sobre a participação ou não na pesquisa.

Pede-se, por gentileza, que o pesquisador planeje previamente os dias e horários da coleta de dados de modo a não comprometer a rotina diária da escola e, também, se comprometa a trazer uma devolutiva no final do trabalho realizado, à esta Secretaria. **A pesquisa só poderá iniciar após o parecer positivo do comitê de ética da instituição.**

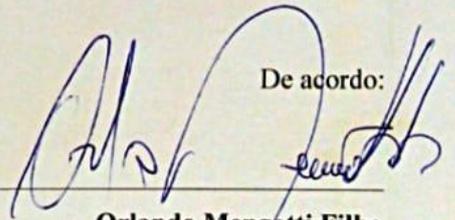
Atenciosamente,



Profª Cilmara Aparecida Seneme Ruy

Diretora de Departamento Pedagógico – SME / São Carlos

De acordo:



Orlando Mengatti Filho

Secretário Municipal de Educação

ANEXO 6

IMAGENS DAS VISITAS



Foto 1 Chegada dos alunos na placa indicativa do museu. Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 2 monitora apresentado materiais aos alunos

Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 3 indicação de pegadas na calçada

Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 4 aluno com lupa observando pegadas Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva

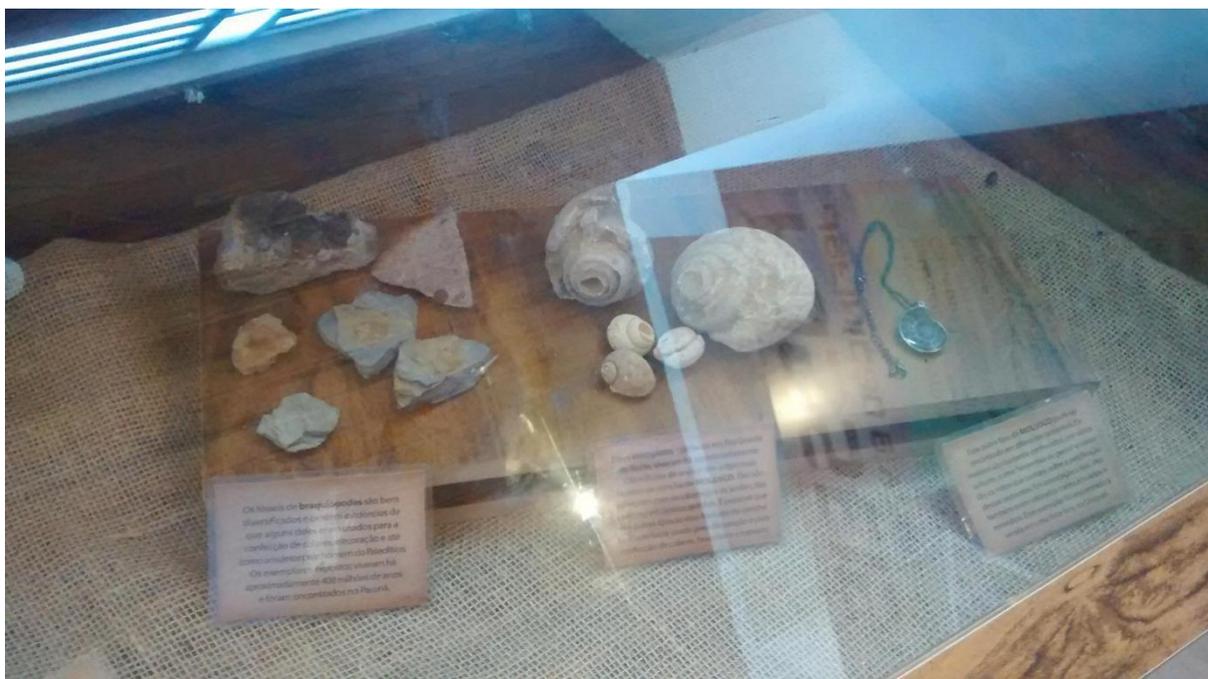


Foto 5 conchas fossilizadas

Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 6 momento de monitoria e explicação sobre o museu

Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto Talunos manuseando acervo de pequenos itens Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 8 placa explicativa sobre sítios arqueológicos Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva

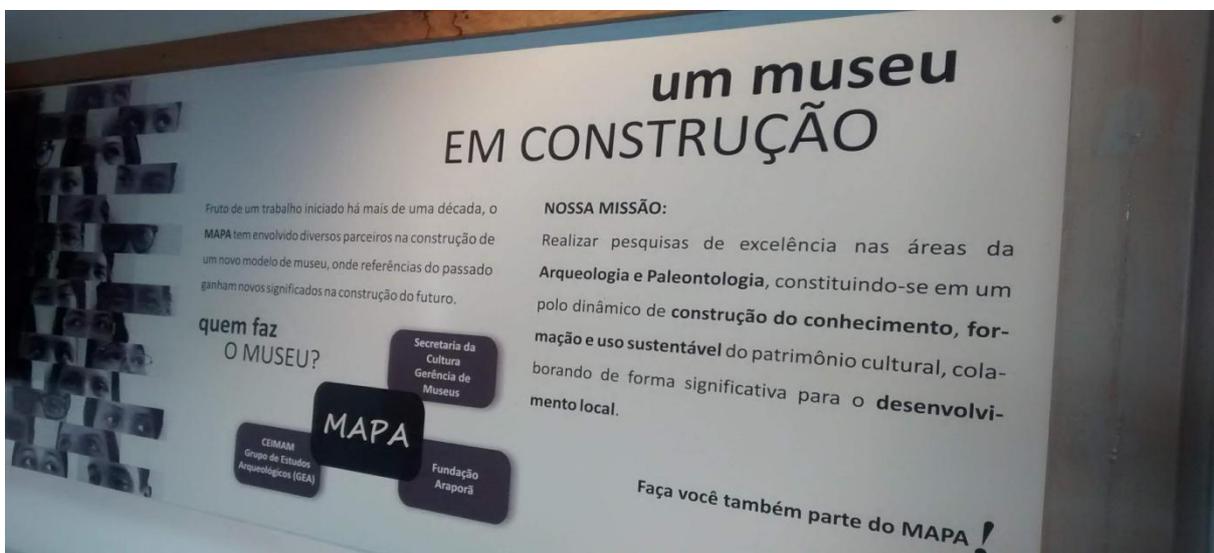


Foto 9 placa explicativa sobre acervo do museu Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 10 Placa do Museu Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 11 alunos manuseando acervo (2) Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 12 monitora entregando material para manuseio dos alunos Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva

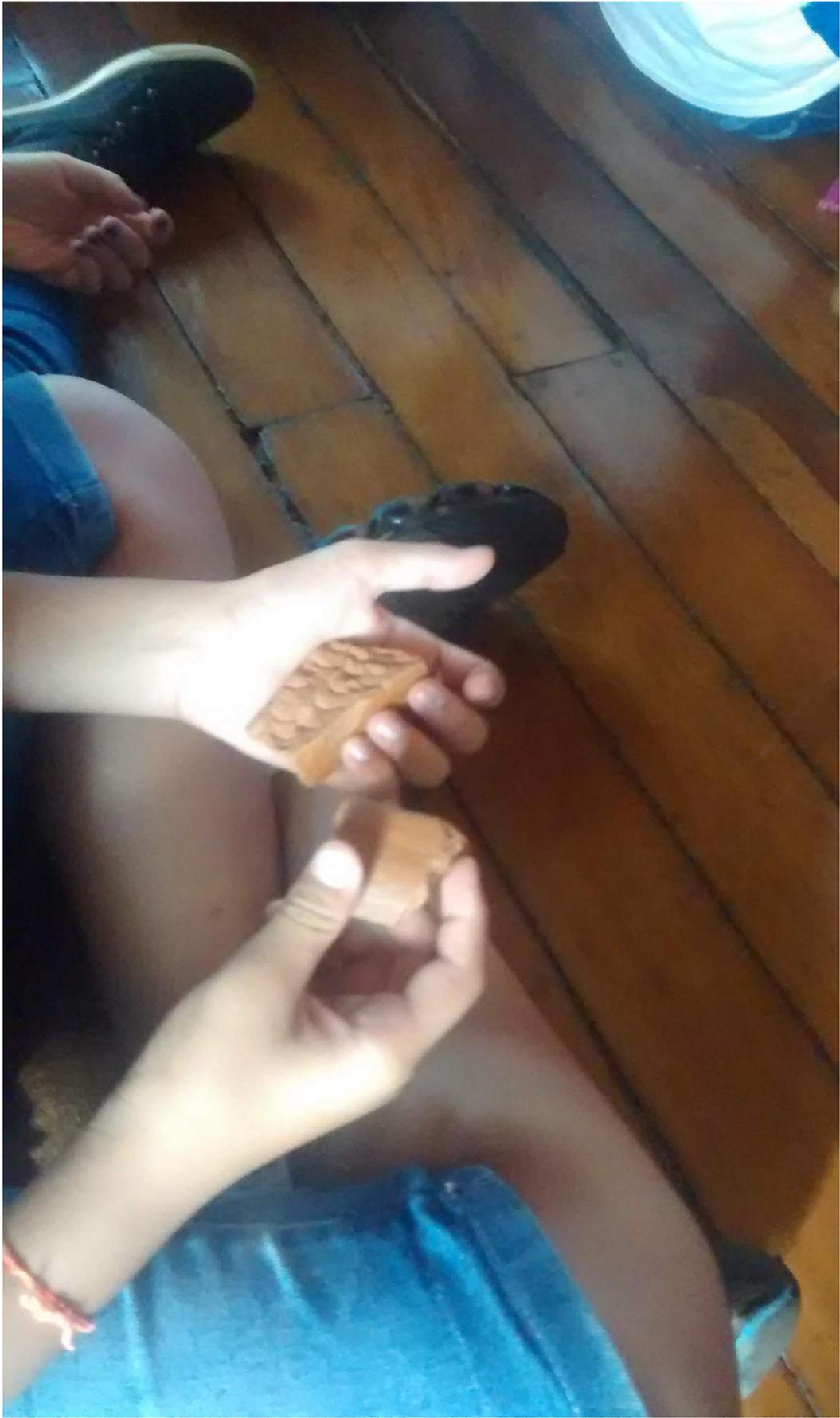


Foto 13 alunos manuseando material explicativo Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 14 pontas de flechas feitas em pedra Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 15 acervo de cerâmicas Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 16 placa na rua indicando pegadas nas calcadas Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 17 fachada do museu Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva

Desafio: tente localizar esses objetos na exposição!

Lâminas de machado de pedra para cortar madeira

Panelas de barro para fabricar e introduzir bebidas

Adorno de pedra polida chamado de tembetá

Panela de barro

Copa de barro para consumir bebidas

tecnologias SUSTENTÁVEIS

arqueologia e OBJETOS

Por que os objetos em pedra são tão importantes para a Arqueologia?

Todas as sociedades humanas, incluindo a nossa, utilizaram a pedra como matéria prima, por isso esses objetos podem mostrar traços culturais e hábitos marcantes de cada uma dessas sociedades.

E os objetos de barro, quando surgiram?

Enquanto as tecnologias do uso da pedra são mais antigas, o saber associado à transformar barro em utensílios diversos tem cerca de 2.000 anos, em São Paulo, estando associado, na maioria das sociedades, às mulheres.

As sociedades do passado só usavam objetos de pedra e barro?

Não, utilizavam madeira, ossos, penas, sementes e peles de animais, entre outros recursos da natureza, mas esses vestígios raramente se preservam no solo.

Para compreender como essas sociedades produziam essas peças os arqueólogos experimentam lascar pedras e fazer vasilhas de barro, dá um trabalhão!

FOTOS:

1. Arqueólogo lascando pedras
2. Aluna fazendo pote de barro em uma das oficinas de cerâmica do MAPA

Foto 18 placa explicativa sobre objetos históricos Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 19 alunos manuseando acervo de pedras maiores Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 20 alunos caminhando na calçada para observação Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 21 rocha com pequenas pegadas A autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 22 pontas de flechas e lanças Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 23 alunos manuseando acervo de cerâmica Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 24 acervo - machado Aatoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 25 acervo - ferramentas de rochas Aatoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 26 acervo - urnas funerárias Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto27 acervo- adornos corporais Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva

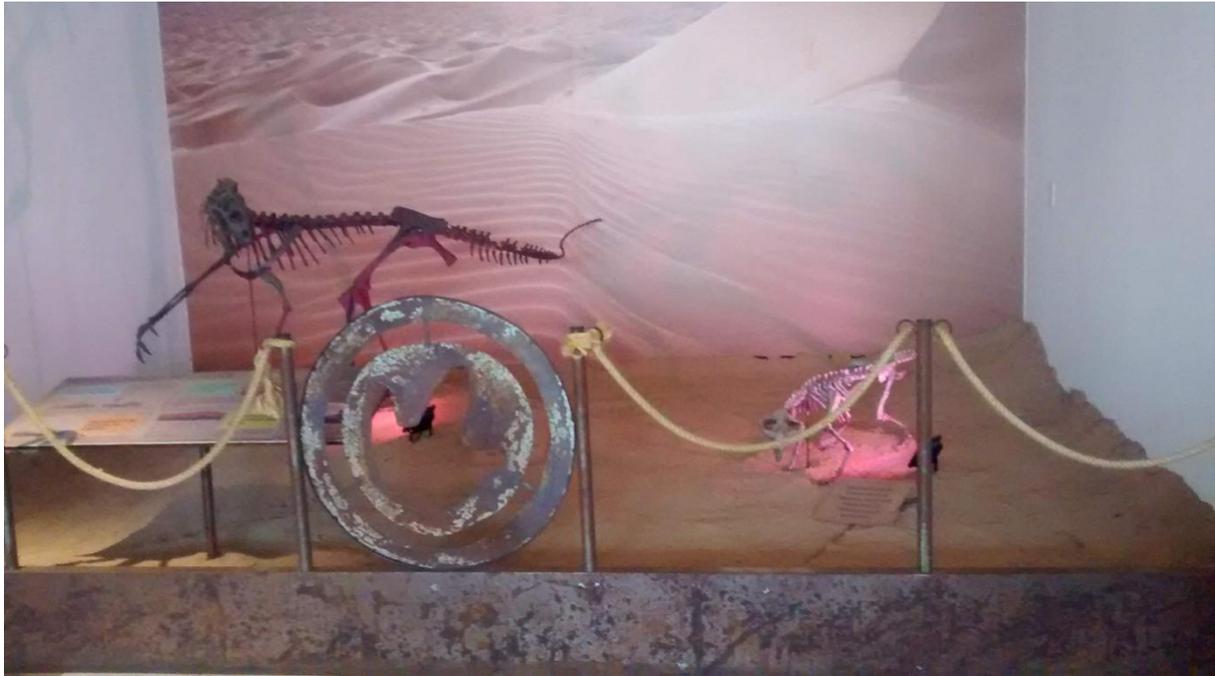


Foto28 acervo - replica de fóssil Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva



Foto 29 mapa ilustrativo da localização de fósseis Autoria: Caio Henrique Silveira da Silva

